



I SELIPO – I Seminário de Libras e Língua Portuguesa

**Uberlândia – MG – Brasil
28 a 30 agosto de 2017**

Caderno de Programação e Resumos

**Uberlândia – MG
2017**

I SELIPO – I Seminário de Libras e Língua Portuguesa

Realização:

LPDL - Curso de Letras: Língua Portuguesa com domínio de Libras

Apoio:

CEPAE - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada
à Educação
Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos
Estudantis – PROEX

Editora da Universidade Federal de
Uberlândia – EDUFU
Instituto de Letras e Linguísticas - ILEEL
Biblioteca Setorial Campus Santa Mônica
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Os textos apresentados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S471L Seminário de Libras e Língua Portuguesa (1. : 2017 : Uberlândia,
MG)
Caderno de Programação e Resumo [do] I Seminário de Libras e Língua
Portuguesa, 28 a 30 de agosto de 2017, em Uberlândia, Minas Gerais ;
coordenação: Eliamar Godoi...[et al.]. – Uberlândia: UFU, Instituto de
Letras e Linguística - ILEEL, 2017.
50 p.

ISSN:

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Congressos. 2. Libras (Língua
Brasileira de Sinais) - Congressos. I. Godoi, Eliamar. II. Universidade
Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. III. Título.

CDU: 801

Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Letras e Linguística
Av. João Naves de Ávila, 2121 – Sala 1G251– Campus Santa Mônica
CEP – 38408-144 – Uberlândia – Minas Gerais
Telefone: (34) 3291-8329
Home page: <http://www.ileel.ufu.br/selipo>

Universidade Federal de Uberlândia

Reitor

Valder Steffen Júnior

Vice-reitor

Orlando César Mantese

Pró-reitor de Graduação

Armando Quillici Neto

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Carlos Henrique de Carvalho

Pró-reitor de Planejamento e Administração

Darizon Alves de Andrade

Pró-reitora de Assistência Estudantil

Elaine Saraiva Calderari

Pró-reitor de Extensão e Cultura

Helder Eterno da Silveira

Pró-reitor de Gestão de Pessoas

Márcio Magno Costa

Prefeito Universitário

João Jorge Ribeiro Damasceno

Diretor do Instituto de Letras e Linguística

Ariel Novodvorski

**Coordenadora do Curso de Letras:
Língua Portuguesa com domínio de Libras**

Adriana Cristina Cristianini

I SELIPO – I Seminário de Libras e Língua Portuguesa

Uberlândia – MG – Brasil

29 a 30 de agosto de 2017

COORDENAÇÃO

Eliamar Godoi
Adriana Cristina Cristianini
Camila Tavares Leite
Fábio Izaltino Laura
José Carlos de Oliveira
Telma Rosa de Andrade

COMISSÃO ORGANIZADORA

Aline Viana Freitas
Andrea Cristina Vasconcelos Barbosa
Andreolina Heloisa Ribeiro Rabelo
Augusto César Salviano Alves
Célio Garcia Vieira Melazzo
Eliamar Godoi
Eni Catarina da Silva
Giselly Tiago Ribeiro Amado
Iago Cândido de Lima
Ladisludes Helena Borges
Leíza Neves Pereira Marques
Letícia Bueno Silva
Letícia de Sousa Leite
Luis Felipe Sales
Regina Maria Cardoso Oliveira
Rita de Cássia Souza Brito
Suely André de Araújo Drigo

INTÉRPRETES DE LIBRAS

Letícia de Sousa Leite
Raquel Bernardes
Carolina da Silva Rodrigues
Célio Garcia Vieira Melazzo
Eni Catarina da Silva
Josiane Alves Marques
Renan Willian de Santana

COMISSÃO CIENTÍFICA

Adriana Cristina Cristianini
Aparecida Rocha Rossi
Camila Tavares Leite
Cleide Aparecida Nunes da Silva Franco
Eliamar Godoi
Fábio Izaltino Laura
Giselly Tiago Ribeiro Amado
José Carlos de Oliveira
Keli Maria de Souza Costa
Letícia de Sousa Leite
Lúcio Cruz Silveira Amorim
Mara Rúbia Pinto de Almeida
Maria Cecília de Lima
Telma Rosa de Andrade
Raquel Bernardes
Sarita Araújo Pereira

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
PROGRAMAÇÃO	7
RESUMOS DOS MINICUROS	9
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES ORAIS.....	15
RESUMOS DOS PÔSTERES	38
RELEASE DOS ARTISTAS	48

APRESENTAÇÃO

O SELIPO – Seminário de Libras e Língua Portuguesa será um evento bienal do Curso de Letras: Língua Portuguesa com domínio de Libras da UFU e sua organização é de responsabilidade de professores e alunos que o compõem, tendo o Português e a Libras como as línguas oficiais do evento. A busca é por um maior empoderamento de estudos teóricos e descritivos da Libras e da Língua Portuguesa, de seus aspectos linguísticos e das práticas educativas e pedagógicas no sentido de consolidar reflexões que envolvam a Libras e a Língua Portuguesa na perspectiva da pesquisa e da formação de profissionais bilíngues.

É com muita alegria que apresentamos a primeira edição do I SELIPO – I Seminário de Libras e Língua Portuguesa, um evento realizado pelo curso de Letras: Língua Portuguesa com domínio de Libras da Universidade Federal de Uberlândia.

Este será um espaço de reflexão e debates, no sentido de consolidar e congregar reflexões que articulem a Libras e a Língua Portuguesa na perspectiva da pesquisa, da extensão, do ensino de Línguas e da formação de profissionais bilíngues.

Desejamos um ótimo evento a todos!

Comissão Organizadora

Dia 28 de agosto de 2017

*Local: Anfiteatro 5 S do Campus Santa Mônica
Universidade Federal de Uberlândia*

8h as 9h: Credenciamento

8h30 as 9h: Sessão de abertura do I SELIPO – I Seminário de Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Diretor da Unidade: Prof. Dr. Ariel Novodvorski,

Coordenadora do Curso de Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras – LPDL: Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini e membros da Comissão Organizadora

Mediadora: Giselly Tiago Ribeiro Amado

9h as 10h50: Conferência de abertura Da Graduação à Pós-graduação: interfaces rumo à pesquisa e ao mercado de trabalho

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes - PPGEL

Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro - PPLET

Profa. Dra. Talita de Cássia Marine - PROFLETRAS

Mediadora: Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini -

11h as 12h15: Mesa-redonda: Relação do Curso de Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras - LPDL e Pós-Graduação (PPGEL) e apontamentos da Pesquisa

Mnda. Giselly Tiago Ribeiro Amado

Mnda. Letícia de Sousa Leite

Mnda. Renata Altair Fidelis

Mediadora: Profa. Dra. Eliamar Godoi

12h15 as 14h: Intervalo para almoço

14h as 18h: Minicursos

18h as 19h30: Apresentação Pôsteres

Dia 29 de agosto de 2017

*Local: Anfiteatro 5 S do Campus Santa Mônica
Universidade Federal de Uberlândia*

8h as 10h: Mesa-redonda: A Libras e a Língua Portuguesa e os processos de ensino de Línguas

Mnda. Angélica Rodrigues Gonçalves - UFTM

Prof. Ms. José Carlos de Oliveira – ILEEL/UFU

Profa. Dra. Eliamar Godói – ILEEL/UFU

Mediadora: Profa. Ms. Keli Maria S. Costa – FACED/UFU

10h as 12h: Mesa-redonda: Estudos teóricos e descritivos da Libras e da Língua Portuguesa e de seus aspectos linguísticos

Ms. Lucas Floriano de Oliveira – UFG (Catalão)

Dra. Camila Tavares Leite – ILEEL-UFU

Dr. Fábio Izaltino Laura – ILEEL-UFU

Mediador: Ms. Lucio Cruz – FACED-UFU

12h as 14h: Intervalo para almoço

14h as 18h: Apresentação de trabalhos científicos (Comunicação Oral)

Dia 30 de agosto de 2017

*Local: Anfiteatro 5 S do Campus Santa Mônica
Universidade Federal de Uberlândia*

8h30 as 10h30: Mesa-redonda: Aspectos linguísticos da Libras e da Língua Portuguesa relacionados ao processo de ensino e aprendizagem de Línguas para pessoas surdas e ouvintes

Ms. Hely César Ferreira - UFTM

MS. Telma Rosa de Andrade – ILEEL-UFU

Dra. Adriana Cristina Cristianini – ILEEL-UFU

Mediadora: Ms. Aparecida Rocha Rossi - FACED-UFU

10h30 as 12h30: Mesa-redonda: Perspectivas profissionais dos alunos do LPDL já atuantes no mercado de trabalho na área do curso

Acadêmicos convidados

Célio Garcia Vieira Melazzo – 8º período

Eni Catarina da Silva – 8º período

Josiane Alves Marques – 6º período

Renan Willian de Santana – 6º período

Mediadora: Grnda. Acadêmica do LPDL - Ladisludes Helena Borges

12h30 as 14h: Intervalo para almoço

14h as 16h: Mesa Redonda: Formação e o papel do profissional egresso do curso de Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras no contexto da escola inclusiva

Profa. Nédia Maria Borges Figueira – Supervisora do CESEC-Uberlândia

Prof. Joaquim Alves Mamede – Diretor da Escola Estadual Bueno Brandão

Acadêmica – Aline Viana Freitas (Professora em formação inicial)

Mediadora: Dra. Eliamar Godoi

16h as 17h: Apresentação cultural

17h as 18h: Encerramento

MINICURSOS

A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NA ESCRITA DO SURDO

KELI MARIA DE SOUZA COSTA SILVA

Um dos maiores problemas quando se fala em educação de surdos é proveniente do processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Esta língua é considerada como segunda língua para o surdo já que, possuindo um canal oral-auditivo, só pode ser aprendida de forma não natural, através de um “esforço sistemático, formal e regular”. (SÁ, 1999. p.178). O que se nota é que o ensino do português para os surdos tem sido realizado até hoje da mesma forma que o é para os ouvintes levando a um constante fracasso no processo. O primeiro contato com uma produção textual de um surdo é, para muitos ouvintes, desconcertante. Enquanto falantes nativos da língua portuguesa são internalizadas regras básicas e relativamente simples como o uso os artigos e das preposições, por exemplo. O que parece, então, um tanto absurdas as construções textuais desse sujeito surdo, usuário de uma língua diferente e que possui ainda um outro canal de comunicação. Nessa perspectiva, o presente minicurso tem como objetivo refletir sobre a importância que a língua de sinais representa para a constituição identitária do sujeito surdo bem como sua atuação como facilitadora do processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua para estes sujeitos. Pretende-se mostrar, baseados numa perspectiva bilíngue, as inegáveis influências desta língua nas produções escritas dos surdos, visto que este sujeito busca na língua que domina os elementos necessários à significação da segunda língua produzindo, conseqüentemente, uma aproximação entre elas. Valorizando a Língua de Sinais como primeira língua para os surdos e, apoiados no respeito à mesma, o presente minicurso objetiva ainda evidenciar a construção de sentidos nessa escrita tão peculiar a partir da análise de textos produzidos por estes sujeitos. Ressalta-se a relevância da aquisição da LIBRAS como língua natural dos surdos respeitando-a enquanto língua. Somente assim instrumentalizados os surdos poderão reconhecer-se enquanto comunidade e/ou grupo, o que se configurará como suporte para sua inserção em uma outra cultura e para a aquisição da língua portuguesa escrita. A valorização da Língua de Sinais permitirá um enfoque diferenciado no que se refere à produção textual desses sujeitos. Essa escrita, sendo estimulada a partir da Língua de Sinais, lhes possibilitará o crescimento em relação aos níveis linguísticos. Enfim, é importante destacar que perceber a interferência da Língua de Sinais na escrita da língua portuguesa pelos sujeitos surdos e, acima de tudo, aceitá-la é um caminho necessário para a construção da igualdade social baseada no respeito às diferenças.

Palavras-chave: Língua de Sinais, Surdos, Escrita dos Surdos.

A TEORIA LINGUÍSTICA DE FERDINAND DE SAUSSURE NO ESTUDO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA

ALLANA CRISTINA MOREIRA MARQUES

Este minicurso tem por objetivo promover um ambiente em que se possa discutir os principais aspectos da teoria linguística proposta por pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, tendo em vista que ela constitui um importante caminho para a estudos das línguas em geral e, especificamente, da língua portuguesa e da Libras. Ao definir a língua como objeto da ciência linguística por excelência, distinguindo-a a da linguagem

e da fala, Saussure estabeleceu as bases para uma nova linguística. É, portanto, reconhecido como o fundador da linguística moderna. Elaborou conceitos que são, até hoje, cem anos após a publicação do *Curso de Linguística Geral* - obra póstuma, cuja importância foi e ainda é singular para disseminação do pensamento saussuriano - considerados conceitos basilares da ciência linguística. Tendo em vista a importância deste pensamento fundador para os estudos linguísticos em geral, propomos retomá-lo, considerando-o tanto no âmbito das línguas orais quanto no âmbito das línguas de sinais. Para tanto, levaremos em consideração, neste minicurso, os principais conceitos teóricos elaborados pelo linguista suíço e que nos permitem uma reflexão em torno das línguas elencadas, são eles, dentre outros: língua, linguagem, fala, signo, arbitrariedade, relações sintagmáticas, relações associativas. Este minicurso figura como uma oportunidade de troca de saberes entre pesquisadores e alunos da graduação, os quais têm, nos cursos de Letras, um primeiro contato com as teorias que fundamentam os estudos linguísticos. Assim, os participantes poderão refletir, no decorrer do curso, de que modo a teoria saussuriana ainda se mostra importante para os estudos das línguas orais, como a língua portuguesa, e também para as línguas de sinais, como a libras; e também refletir a respeito dos limites desta reflexão linguística na compreensão das línguas de sinais, uma vez que Saussure limitou-se, como se sabe, à investigação das línguas orais. Seus conceitos, compreendidos como sendo gerais, são pertinentes para o estudo das línguas de sinais? É sobre esta, dentre outras questões, que nos deteremos no minicurso ora proposto.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure, Língua Portuguesa, Libras.

CONVERSAÇÃO EM LIBRAS

TELMA ROSA DE ANDRADE

- Pré-requisito para participação: no máximo 15 pessoas com fluência de nível intermediário a avançado de Libras

Neste minicurso para expressar a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social. Os surdos brasileiros usam a língua de sinais brasileira, uma língua visual-espacial que apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas. Sabemos a importância da atividade de difundir a língua de sinais: como uma forma de conseguir tornar visível os surdos para o mundo. O minicurso pretende ser um meio difusor da língua e da cultura do povo surdo. Almejamos oferecer suporte intelectual para quem deseja conhecer e se aprofundar no idioma dos surdos brasileiros, ou seja, na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Esperamos despertar nas pessoas o desejo aprofundar mais o conhecimento, a vontade de aprender e a capacidade compreender um novo idioma, LIBRAS. Por fim, o minicurso reflete acerca da realidade da compreensão dos surdos no Brasil. Chegada da inclusão, inúmeros são os desafios com os quais as sociedade, deparam em sua prática cotidiana.

Palavras-chave: Comunicação, Cultura, Compreensão.

LITERATURA INFANTIL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS PARA CRIANÇAS SURDAS

APARECIDA ROCHA ROSSI

A educação escolar de alunos surdos tem sido um desafio diário na vida escolar, e esse desafio é visto por meio de um trabalho que tem por finalidade a inclusão desses alunos tanto na escola quanto na sociedade. Essa preocupação é mais um importante desafio que se tem enfrentado, pois para que exista inclusão é preciso que os alunos, professores, gestores e funcionários em geral aprendem Libras como proposta para facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes. Uma proposta firmada na Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, Art. 2º em que “deve ser garantido, por parte do poder público em geral [...], formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil”, e também por meio do Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, Cap. IV, Art. 14, Inc. V em que se deve “apoiar, na comunidade escolar o uso e difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos”. O presente minicurso vem contribuir para que a inclusão possa acontecer verdadeiramente e que a barreira de preconceito seja quebrada mediante proposta pedagógica adequada à suprir necessidades básicas, como da comunicação do surdo na escola. Este minicurso vai abrir caminho para que os profissionais possam preparar uma aula, sanando as dificuldades de comunicação entre eles e as crianças surdas na sala de aula. Tem como objetivo mostrar aos estudantes, profissionais e demais interessados a importância da literatura no desenvolvimento cognitivo das crianças surdas, oportunizar conhecimentos do ensino de literatura infantil e como preparar as atividades de literatura infantil, fazendo adaptação para Libras.

Palavras-chave: Literatura, Libras, Crianças surdas.

LITERATURA VISUAL: FORMAS DE EXPRESSÃO E DE REPRESENTAÇÃO DO PENSAMENTO DO SURDO

JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA

A literatura visual representa o conjunto das artes que expressa e representa o mundo real ou imaginário, tendo a visão como principal forma de avaliação e apreensão, podendo ser estimulada de infinitas formas e categorias. Dentre elas optou-se para o desenvolvimento da oficina, a “arte do pensamento e a arte corporal”, expressa na forma de língua e linguagem, mecanismos que se constituem em uma das formas de expressar a faculdade humana para a expressão do imaginário. Segundo Francastel (1990), essa forma de expressão tem a mesma capacidade de sensibilizar os indivíduos tanto quanto a palavra, sendo que civilizações inteiras tiveram (tem)¹ signos não escritos como meio de transmissão de pensamentos. Se tratando de comunidades de surdos, sabemos que o pensamento desses sujeitos é dependente da visão, canal sensorial predominante na atividade comunicativa, que lhes permite construir o conhecimento de mundo, relacionado linguagem, pensamento e realidade. É a partir de processos visuais que os

¹ Grifo meu.

surdos estruturam a comunicação, a imagem e língua, ordenando a experiência através do uso da forma, criando conceitos visuais, considerando a forma como resultado de um ato específico de elaboração e invenção de esquemas de pensamento. São esses fatores que possibilitam aos surdos, manifestarem em suas formas de expressão, uma vasta riqueza de símbolos, canalizando uma enorme quantidade de informações através de formas que condensam significados e representações da essência de suas ideias. Tendo por base esses pressupostos, pretende-se desenvolver uma oficina, para abordar a questão da plasticidade do pensamento surdo, a partir do qual esses sujeitos constroem o seu conhecimento linguístico e de mundo e, se expressam nas mais variadas formas de literaturas, principalmente a pintura, a piada, a poesia, e também determina as formas de interagir com o mundo. O que produz, reproduz e afirma as formas culturais e identitárias dos povos surdos.

Palavras-chave: Literatura, Linguagem, Surdez.

O ALUNO SURDO NA SALA DE AULA DA ESCOLA INCLUSIVA

CÁRMEN LÚCIA HERNANDES AGUSTINI
ONILDA APARECIDA GONDIM

Com o presente minicurso, objetivamos discutir o modo de estar do aluno surdo na sala de aula da escola regular inclusiva, espaço político-simbólico no qual há uma relação triádica: professor-intérprete-aluno surdo. Essa relação complexa mostra-se fragilizada na e pela contingência da sala de aula e pelas condições de sua produção, porque há apagamentos em operação e em funcionamento, conforme mostraremos. Para tanto, nossa discussão basear-se-á em amostras de cenas enunciativas nas quais o surdo figura na condição de aluno. Intentamos mostrar que o fato de o aluno surdo estar em uma sala de aula e contar com a mediação de um intérprete não são suficientes para que ele não seja silenciado em sua condição de aluno e em sua condição de surdo, a despeito do engajamento ou não do intérprete. Assim sendo, além de analisar as cenas enunciativas e alguns recortes de entrevistas semi-estruturadas feitas com professores, intérpretes e alunos surdos, serão trabalhados: (1) o *status* idiomático da libras e do português, considerando questões relativas ao input, à aquisição da libras e da língua portuguesa e à condição de L1 e L2; (2) o cenário da escola regular inclusiva em nossa sociedade, a fim de trabalhar os sentidos da inclusão: o que é? Como surgiu? Por que surgiu?; (3) os sujeitos implicados no espaço escolar da escola regular inclusiva – professor, intérprete e aluno surdo – e as suas funções e co-responsabilidades, a fim de problematizar a ocupação do lugar social de professor, do lugar social de intérprete e do lugar social de aluno em função da inclusão; (4) a relação entre libras e língua portuguesa na escola regular inclusiva; (5) o surdo na condição de aluno e os pressupostos da escolarização, a fim de problematizar a relevância da fluência em libras no ensino e na aprendizagem da língua portuguesa. Assim, julgamos que o minicurso pode contribuir para a formação do professor, ao pensar a inclusão escolar e seus desafios.

Palavras-chaves: Surdo, Língua Portuguesa, Libras.

O MÉTODO GISH DE GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA ENFRENTAR OS DESAFIOS DO PROCESSO INTERPRETATIVO

KÁTIA APARECIDA DE SOUZA COSTA MATIAS

O Método Gish possibilita que o intérprete de língua de sinais/língua portuguesa (ILS) crie estratégias para enfrentar o desafio do processo interpretativo, tomando como base o conceito de que a comunicação possui uma ordem e estrutura e que as palavras e sinais, bem como as ideias que as mesmas representam, não possuem o mesmo peso. Nesse sentido, o ILS vai desenvolvendo a habilidade de reconhecer quais sentenças ou ideias podem contribuir de maneira mais relevante para a transmissão da mensagem da língua fonte para a língua alvo. O desenvolvimento do método Gish ajuda então o ILS a realizar escolhas mais eficazes no processo interpretativo, com o objetivo de criar uma mensagem equivalente na língua alvo, mas não necessariamente idêntica à da língua fonte. Esse método proporciona ainda uma série de diretrizes para compreender o significado e estrutura da mensagem, e ajuda o ILS a perceber mais rapidamente o objetivo/intenção do falante, e antecipar o que ele vai dizer. Dessa forma, como resultado, tem-se uma interpretação mais consistente e coerente, não exigindo que a ordem interpretativa siga, *ipsis litteris*, a ordem original. Assim, o ILS cria interpretações que refletem os conceitos chaves da mensagem original na forma natural da língua alvo ao invés de apresentar um amontoado de sinais/palavras sem conexão com o contexto. Grosso modo, entende-se que o objetivo central do processo interpretativo, de acordo com este método, é a ideia principal veiculada. Vale ressaltar que o ILS, principalmente quando realiza a interpretação simultânea, não deve criar interpretações completamente equivalentes ao original e precisa tomar decisões para controlar o fluxo de entrada, compreensão e saída das informações recebidas. Especialmente em interpretações simultâneas a perda de informações é inevitável, no entanto, quando o ILS compreende a estrutura da mensagem pode tomar decisões mais competentes para gerenciar a falta dessas informações. Nessa perspectiva, a proposição deste minicurso tem como objetivo explicitar o método Gish de gerenciamento de informações com o intuito de colaborar com o processo de formação de intérpretes de língua de sinais, bem como dos demais usuários desta língua, com vistas à fluência na mesma. Acreditamos que, ao compreender melhor as estratégias interpretativas apresentadas pelo método Gish, o participante deste minicurso poderá utilizá-las a seu favor, seja para desenvolver, de maneira mais eficiente, sua comunicação com os surdos, seja para melhorar a sua prática interpretativa em seus diversos contextos.

Palavras-chave: Libras, Intérprete de Libras, Método Gish.

**RESUMOS
DAS
COMUNICAÇÕES
ORAIS**

A INFLUÊNCIA DAS MARCAÇÕES PROSÓDICAS DA FALA NA ESCRITA: O USO DE PONTUAÇÕES

ALINE VIANA FREITAS
CAMILA TAVARES LEITE

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o ensino da escrita nas escolas. Serão analisadas algumas pesquisas de dois autores: Luiz Carlos Cagliari, e Vera Pacheco, ambos apresentam discussões e estudos a respeito da Linguagem. Segundo Nobre (2011), é importante ter a percepção da relação existente entre a fala e a escrita, visto que ambas representam um mesmo sistema linguístico. Estas duas modalidades da língua, a fala e a escrita, apresentam características que tornam possíveis realizações como a produção de textos coesos e coerentes, elaboração de raciocínios abstratos que podem ser demonstrados de maneiras formais e informais, variações estilísticas sociais, dialetais, entre outros. Sabe-se que a forma oral da execução das línguas é mais comum quando comparada a forma escrita, visto que em todos os povos é possível verificar algum tipo de desenvolvimento da fala, fato que não ocorre na escrita. O ensino da escrita é um dos principais objetivos da alfabetização, porém é importante que esta não seja vista apenas como uma forma gráfica, segundo Cagliari (1999) primeiramente, deve-se levar em consideração o real objetivo da escrita, que é o de permitir a execução da leitura, ou seja, permitir uma interpretação do que está escrito e com isso poder representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. A escrita não está resumida apenas em um alfabeto e à sua organização para uma formação lexical, é essencial que se verifique quais são as influências sobre a execução da escrita e nesse trabalho trataremos da influência dos aspectos prosódicos da fala no uso de pontuações nos textos escritos. De acordo com Pacheco (2003) o uso de pontuações acontece de maneira variada, o que pode justificar os poucos estudos a cerca dessa área, além disso, a autora afirma que até mesmo nos dias atuais não existe ainda um consenso referente a essas marcas textuais. Pacheco (2003) destaca que existem várias justificativas apresentadas por diversos autores para o uso das pontuações nos textos escritos, como, por exemplo, a hipótese de que a pontuação esteja diretamente ligada aos fatores entoacionais da prosódia, tornando-se assim análogos visuais da prosódia; em contra partida há aqueles que defendem que essas marcas funcionam como uma espécie de guia nas construções gramaticais; outros acreditam que se trata de questões semânticas, tornando os textos mais claros, evitando ambiguidades; e ainda tem aqueles que acreditam que as pontuações delimitam as unidades rítmicas que determinam fatores de natureza semântica, morfossintática e prosódica, os quais não podem ser separados. A escolha por estes dois autores se deu pelo fato de que nessa área da linguística, são nomes importantes para os estudos em torno das questões abordadas pelo tema do presente trabalho.

A LIBRAS EM VÍDEOS DE HUMOR NO YOUTUBE

ELOÁ TAINÁ COSTA DA ROSA MORAES

O sujeito surdo foi atravessado por diferentes discursos históricos ao longo de sua trajetória até os dias atuais, sofrendo com mudanças históricas significativas. Porém mesmo com tais mudanças e com a aprovação da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002,

que dentre outros reconhece a Libras como segunda língua oficial do Brasil, ainda temos representações do surdo pela sociedade que remetem a concepções repelidas e evitadas pela comunidade surda brasileira. Tendo em vista tais representações do surdo na sociedade, foi feita análise de vídeos de humor do grupo *Os Barbixas* no YouTube com a série *Linguagem de sinais*, em que é feita uma brincadeira de tradução do português para a Libras. Foram analisados o papel do intérprete, a relação do surdo com a língua de sinais, as representações do surdo, da língua de sinais e do intérprete, bem como a escolha de palavras e expressões para fazer referência aos surdos. Para a análise foram considerados o Decreto nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dentre outros define a presença do intérprete para o sujeito surdo, o papel e importância do intérprete em situações de necessidade e o estado da arte dos Estudos Surdos sob a perspectiva da análise do discurso de linha francesa, abordando principalmente noções de sujeito, identidade, língua-linguagem e representação. Após a análise dos vídeos, constatou-se que no “*jogo do surdo-mudo*”, no qual dois participantes discutem um assunto escolhido pela plateia e um terceiro participante faz a interpretação, a imagem da língua de sinais como um conjunto de gestos dependente da língua portuguesa é perpetuada pelo uso da palavra “linguagem” juntamente com a realização de gestos e mímicas, principalmente em traduções literais que remetem a um teor sexual descontextualizado; o uso da palavra “surdo-mudo” remete a representações antigas do surdo como sujeito incapaz por não serem oralizados como os ouvintes.

Palavras-chave: Surdo, Representação, Intérprete.

A PERTINÊNCIA E OS LIMITES DOS CONCEITOS SAUSSURIANOS NO ESTUDO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

ALLANA CRISTINA MOREIRA MARQUES

Que as elaborações teóricas do linguista genebrino Ferdinand de Saussure são responsáveis por uma guinada nos estudos linguísticos, parece não restar dúvidas. A reflexão que culminou na fundação da linguística moderna é, ainda hoje, a mais de um século de sua produção, alvo de interesse de diferentes pesquisadores que se dedicam a investigar as elaborações saussurianas. A originalidade desse pensamento permanece instigante, uma vez que, mesmo passados tantos anos da data de publicação do *Curso de Linguística Geral* - obra póstuma principal responsável pela disseminação do pensamento saussuriano -, os conceitos e noções apresentados por ele ainda exercem papel de conceitos basilares da ciência Linguística. Como diria Benveniste (2005[1966]), após meio século da publicação do CLG, sobre Saussure, “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione o seu nome” (p.34); tal afirmação resta na ordem do dia, tendo em vista que, nas palavras do linguista saussuriano, “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (p. 35). Pensar a atualidade de Saussure e sua influência na linguística atual é tarefa imperativa por parte daqueles que buscam apreender a força desse pensamento em pleno século XXI. Com o crescimento das investigações em torno das línguas de sinais nos últimos anos, vários questionamentos têm sido colocados em relação a essa teoria, sobretudo, no que diz respeito a sua pertinência e aos seus limites na compreensão das línguas de modalidade espaço-visual. Os conceitos saussurianos se mostram pertinentes para análise das línguas de sinais, tendo em vista que, ao propor seus conceitos fundamentais Saussure se limitou, ao que tudo indica, à análise das línguas orais? Quais conceitos são ainda pertinentes? Quais os limites dos conceitos

propostos por ele no que tange às línguas de sinais? Para nós, embora algumas noções tenham seus limites para a compreensão das línguas de sinais, tal como a noção de linearidade, outras, em contrapartida, nos parecem inquestionáveis.

Palavras-chave: Conceitos. Ferdinand de Saussure. Língua de Sinais

A SUBJETIVIDADE NAS PRODUÇÕES ESCRITAS ESCOLARES

PRISCILLA FELIPE BORGES DE FREITAS

A linguagem é um domínio único e exclusivo dos seres humanos e, através dela, mantemos as relações sociais. Por esse motivo, desde o Ensino Fundamental, a prática da leitura e a aprendizagem da escrita tem se tornado uma preocupação para a Educação, pois não podemos pensar em inclusão social e prática de cidadania sem que essas duas habilidades tenham sido desenvolvidas. A partir desse ponto de vista, busco investigar como um aluno de 9º ano do Ensino Fundamental se comporta diante de uma produção escrita escolar em língua portuguesa, de maneira que mostre sua subjetividade nos textos produzidos. Além disso, como o professor tem conduzido seus alunos nas produções textuais, ajudando-os no processo de assunção a uma escrita institucionalizada e subjetiva. Para tanto, tomarei como principal fundamentação teórica o pensamento de Émille Benveniste. Benveniste (1976), em relação à sua Teoria da Enunciação, que reincorporou aos estudos linguísticos a noção de subjetividade, sendo esta a capacidade do locutor de se colocar como sujeito de seu discurso no exercício da linguagem. Nessa direção, este estudo parte do pressuposto de que a escrita em sala de aula não tem sido trabalhada como forma de interação social, de maneira que os alunos se comuniquem por meio dela com autonomia e sem apreensão. Além disso, este estudo visa investigar os processos de subjetividade nos textos escolares, demonstrando até que ponto o processo escolar implica na construção da subjetividade, de modo que a produção escrita não se torne o “calcanhar de Aquiles” dos estudantes.

A TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO NA LIBRAS (L1) PARA A LÍNGUA PORTUGUESA (L2) NA MODALIDADE ESCRITA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA DESCRIÇÃO DE ALUNAS SURDAS, MONITORA OUVINTE E PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS

MARA RÚBIA PINTO DE ALMEIDA
THATIANA CAROLINA GOMES PEIXOTO

A Língua Brasileira de Sinais - Libras foi oficializada mediante a promulgação da Lei nº 10.436/02, garantindo status linguístico à Libras, identificando-a como a forma de comunicação e expressão próprios das comunidades surdas do Brasil. No documento é identificado que a língua possui um sistema linguístico próprio tendo como destaque a modalidade visual motora, sendo assim, uma língua capaz de transmitir ideias e fatos como ocorre com a Língua Portuguesa. Para desmistificar que a Libras não pode ser identificada como linguagem de sinais e que a comunicação não é resultado de gestos e mímicas, pesquisadores como Ferreira Brito (1995) e Quadros(2004), apontaram os primeiros aspectos linguísticos reiterando a veracidade de uma língua rica e complexa que não depende da Língua Portuguesa para existir. Assim, a comunidade surda tem a Língua de Sinais como sua língua materna e a Língua Portuguesa, como segunda língua

na modalidade escrita. Dessa forma, a presente proposta teve como objetivo analisar a transcrição de três vídeos em Libras como L1, transcritos para Língua Portuguesa, levando-nos a refletir sobre a complexidade da língua e sobre as dificuldades de realizar uma transcrição considerando uma modalidade visual-motora e a norma culta da língua majoritária. Para tanto, foram coletadas por meio de vídeo a narrativa espontânea de três pessoas surdas, vinculadas a um curso de nível superior da Universidade Federal de Uberlândia. Posteriormente foi feita a transcrição dos vídeos em três etapas: primeiro pelas próprias pessoas surdas, segundo pela monitora que acompanhava as alunas e tem um conhecimento básico da língua e terceiro por uma profissional tradutora e intérprete da Libras. Analisamos que a transcrição feita pelas surdas seguiam a estrutura gramatical da própria Libras e apresentavam alguns elementos estruturais da Língua Portuguesa que não estavam presentes no vídeo. A transcrição da monitora seguiu a estrutura do conhecimento que a mesma tem da língua e a tentativa de transcrever as informações na íntegra para a Língua Portuguesa. Já a transcrição feita pela profissional tradutora e intérprete de Libras apresentou elementos estruturais da Língua Portuguesa, deixando a transcrição mais clara, sem omitir nenhuma informação sinalizada. Percebemos que o processo de transcrição não é tão simples como chegamos a imaginar, considerando a diferença da estrutura linguística das duas línguas e o conhecimento que se tem da língua de sinais e da língua portuguesa, foi observado que houve grande influência de uma língua na outra em termos sintáticos e vocabulário descritivo.

Palavras-chave: Libras, Estrutura Gramatical, Transcrição.

ABORDAGEM COMUNICATIVA DE ENSINO DE LÍNGUAS: UMA PROPOSTA DE METODOLOGIA PARA O ENSINO DE LIBRAS PARA OUVINTES

ELIAMAR GODOI

O Decreto 5.626/05 instituiu que a Libras deveria ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério. Definiu-se também, nessa época, que os sistemas e as instituições de ensino da educação básica e as de educação superior deveriam incluir o professor de Libras em seu quadro do magistério. Com a demanda por docentes e intérpretes de Libras, gerada pelas leis, os cursos de Libras estão sendo ofertados sem que se tenha uma metodologia adequada de ensino de Libras, especialmente para ouvintes. Sendo assim, o objetivo principal desse estudo é apresentar uma proposta de metodologia para o ensino de Libras para ouvintes orientada pela abordagem comunicativa de ensino de Línguas. Por essa proposta, as ações didáticas de ensino de Libras se organizam por meio de Lições e atividades que propiciam condições para desenvolver a competência comunicativa do aluno ouvinte na língua alvo. Trabalhos com os de Almeida Filho (2010) e Gesser (2012) fundamentaram nossas ações e proposta, a qual considera a metodologia para ensinar Libras como segunda língua (L2) para ouvintes, de forma contextualizada e interativa por meio de situações de uso da língua no dia-a-dia. A ênfase da proposta é na apropriação de significados pelos cursistas, na ampliação progressiva de conhecimentos de modo contextualizado, com estratégias apropriadas às diferentes fases da aprendizagem da língua tendo como tema situações cotidianas de uso da Libras.

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE LIBRAS: A BUSCA POR UMA METODOLOGIA

LEIZA NEVES PEREIRA MARQUES
AUGUSTO CÉSAR SALVIANO ALVES

Este trabalho consiste em apresentar uma análise na perspectiva da abordagem comunicativa do livro didático de ensino de Libras “LIBRAS em CONTEXTO”. As apresentações dos livros didáticos de Libras costumam exibir o formato tradicional para o ensino de Libras, denotando uma falta de metodologias específicas desenvolvidas para ensinar Libras especialmente para ouvintes. Nesse contexto, a finalidade dessa análise é de levantar e descrever as concepções da abordagem comunicativa tentando elencar qual tipo de abordagem é desenvolvida no livro, se de fato é um ensino contextualizado como esta na proposta na introdução do livro. Justifica-se para a melhoria da qualidade dos trabalhos didáticos de ensino de Libras disponibilizados, percebendo que o público alvo não tem sido atendido pelas suas especificidades. Trabalhos como os de Almeida-Filho (1998), Richards (2006), Felipe (2001), Rabelo (2001) nortearão o olhar na análise do livro didático. As condições de produção se constitui na abordagem comunicativa que se caracteriza por ter o foco no sentido, no significado e na interação propositada entre os sujeitos que estão aprendendo uma nova língua. O ensino comunicativo é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações autênticas na interação com outros falantes-usuários dessa língua. Os conceitos de métodos e metodologia se opõem hoje em dia ao conceito de abordagem mais amplo e mais abstrato – indicador, na sua abrangência, de um conjunto potencial de crenças, conceitos, pressupostos e princípios que orientam e explicam (a metodologia) não só as experiências diretas com e na língua alvo (o método) em sala de aula, mas também as outras dimensões do processo complexo (a operação) de ensinar uma língua, a saber, o planejamento curricular e/ ou de programas específicos, os materiais de ensino, e a avaliação do próprio processo e dos seus agentes. Constatamos conflitos quanto aos planos oferecidos na proposta do livro com a estrutura dos sinais utilizados em aula, reconhecemos que as informações não correspondem com o esperado, principalmente por não oferecer uma linguagem compatível com o público alvo. Sabemos que a língua de sinais assim como as demais línguas, não pode ser disseminada sem que haja estratégias didático-pedagógicas de ensino, e considerações quanto o uso das informalidades vivenciadas no cotidiano, além claro, da gramática e do reconhecimento da variação linguística.

Palavras-chave: Abordagem de Ensino de Línguas, Língua Brasileira de Sinais (Libras), Metodologia de Ensino de Segunda Língua.

ANÁLISE DOS LIVROS PARA O ENSINO DE LIBRAS "CURSO DE LIBRAS 1" E "CURSO DE LIBRAS "2"

CÉLIO GARCIA VIEIRA MELAZZO
ENI C. DA SILVA
REGINA M. C. OLIVEIRA

Este artigo busca apresentar os resultados de uma análise crítica e reflexiva sobre os livros didáticos voltados para o ensino de Libras, quais sejam: “Curso de Libras 1” e

Curso de Libras 2”, obras dos autores: Nelson Pimenta de Castro e de Ronice Muller Quadros, que apresentam conteúdos metodológicos voltados para o ensino/aprendizagem de língua de sinais. Para Nelson Pimenta, os Surdos necessitam de uma educação melhor e mais completa, precisam de oportunidades para acessibilidades disponíveis que tragam facilidade à comunicação. Esta análise fundamentou-se nos textos de Costa, Gesser e Viviani (2009) e de Nascimento (S/d), a qual diz que por meio da linguagem o indivíduo se posiciona como sujeito no seio social e cultural. O material didático “Curso de Libras 1 e 2” são complementares cujo conteúdo é apresentado por meio de unidades temáticas mantendo uma estrutura padrão que compõe toda a obra. A organização do conteúdo é dividida em 12 unidades em ambos os livros, e essas unidades são estruturadas de modo padronizado em que sempre se inicia com “Tema”, seguido dos “Objetivos”, “Informações interessantes”, “Gramática da LSB”, “Compreensão e produção de sinais”, “Conversação” e “Jogos”. Além disso, tais obras apresentam variação de gêneros, os quais possibilitam ao aluno vivenciar o uso da língua nas várias maneiras de comunicação dentro da sociedade. Os livros também trabalham a gramática e questões relativas a história e a cultura surda. Por fim, a análise mostrou que o material didático tenta seguir uma abordagem de ensino de Libras que, a princípio, lembra a abordagem comunicativa de ensino de Línguas, no entanto, o material não consegue dar conta dos processos de desenvolvimento de habilidades, meta imprescindível para qualquer método de ensino de Línguas. Observamos que um rico e diversificado conteúdo é apenas distribuído/apresentado no decorrer da obra, mas sem apresentar um trabalho significativo/adequado voltado para o desenvolvimento de habilidades no uso da Libras como por exemplo: habilidade de ler, sinalizar, verbalizar e/ou interpretar a Libras.

AQUISIÇÃO DE DUAS LÍNGUAS: A LÍNGUA DE SINAIS E A LÍNGUA PORTUGUESA

**ANA BEATRIZ DA SILVA DUARTE
KLEYVER TAVARES DUARTE
MARCILENE OLIVEIRA GONÇALVES
MARCIA DA SILVA MATOS**

No presente artigo apresentamos uma análise sobre o processo de aprendizagem de duas línguas e defendemos o bilinguismo para o processo de escolarização e educação de surdos. Já que para nós a língua materna deve fazer parte de todo o contexto social do surdo, inclusive na escola, de maneira natural e sem práticas da Educação Oralista. A Libras é uma língua natural usada pela maioria dos surdos do Brasil. Diferente de todos os idiomas já conhecidos, que são orais e auditivos, esta é espaço-visual, uma língua pronunciada pelo corpo. A língua de sinais deve ser encarada pelos diretores, professores, alunos ouvintes e pelos próprios alunos surdos como a língua prioritária (já que é a materna) para o processo de aprendizagem educacional. O trabalho bilíngue educacional respeita as particularidades da criança surda, estabelecendo e estimulando suas capacidades como meio para que ela aprenda. Esta proposta também oferece o acesso à língua oral e aos conhecimentos sistematizados, priorizando que a educação deve ser construída a partir de uma primeira língua, a de sinais, para em seguida ocorrer à aquisição da segunda língua, o Português (oral e/ou escrito). Através do Bilinguismo - e só desta maneira - a criança surda poderá atualizar suas capacidades linguístico-comunicativas, desenvolver sua identidade cultural e com isso, realmente aprender. A

constituição da identidade surda, que há tanto tempo foi reprimida, e a aceitação de si próprio como um sujeito histórico, cultural, de aprendizagem, com potencialidades e limitações, se dá através das interações sociais com seus pares, estabelecendo contato com a comunidade surda, de modo que realize sua identificação com a cultura, os costumes, a língua e, principalmente, a diferença de sua condição. Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem possibilidade de aceitação e representação de si próprio e do mundo, definindo suas características e seu comportamento. A Educação Bilíngue possibilita a criança surda um desenvolvimento cognitivo e linguístico equivalente ao verificado na criança ouvinte, além de propiciar uma relação harmoniosa com ouvintes, tendo acesso às duas línguas, contribuindo com isso, para a sua inclusão social. Portanto, a escola tem que rever seu papel, seu currículo, suas concepções, sem imposições (como a política inclusivista), mal trabalhada e imposta de cima para baixo, mas sim o resultado de transformação do ensino para culminar com a verdadeira proposta de Educação Bilíngue. Infelizmente, ainda não temos essa estrutura de Educação aqui no Brasil, pois ela demanda qualificação profissional e políticas públicas comprometidas na efetivação do trabalho e, no momento, apenas muitas discussões. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, tendo como referencial teórico autores envolvidos nesta área, como Quadros (2004), Skliar (2003), Kozlowsky (1995), Vygotsky (1989), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição; línguas; Libras; bilinguismo; educação bilíngue.

AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS L2 PELO ALUNO SURDO EM CONTEXTO EDUCACIONAL: FASES DA INTERLÍNGUA

TELMA ROSA DE ANDRADE

Este trabalho pretende mostrar o resultado da aquisição da língua escrita portuguesa como L2 pelo surdo, usuário da língua de sinais como L1. A pesquisa apresenta como objetivo identificar como o surdo adquire o sistema pronominal do português. Nessa análise, comparamos o texto escrito do surdo (interlíngua), considerando a hipótese da interferência da L1 (LIBRAS). Aplicamos atividades escritas para investigar como se dá o processo de escrita dos surdos e a expressão da língua de sinais. O estudo investiga a interlíngua de surdos que utilizam a língua de sinais brasileira (LIBRAS) como a primeira língua (L1) aprendizes de português como segunda língua em contexto educacional. A pesquisa foi analisada numa escola inclusiva em Minas Gerais. Os resultados indicam que existe interferência da L1 (LIBRAS), uma vez que, nas séries iniciais investigadas (9º. Ano), os surdos tendem a não preencher a posição de sujeito com categorias pronominais, e nas séries finais (3º. Ano médio), aumenta o preenchimento. Nossa hipótese é a de que a ausência de preenchimento se deve à forma como LIBRAS realiza a categoria pronominal: por meio da apontação orientada para um ponto no espaço de sinalização, que pode ser o falante (1ª pessoa), o ouvinte (2ª pessoa) ou um ponto exterior (3ª pessoa), e nas pessoas do plural, pelo uso de sinais que indicam o DUAL, TRIAL, e VÁRIOS. Existem também vários verbos em LIBRAS que dispensam a apontação na 1ª pessoa, pois o corpo é um ponto de articulação do sinal. Finalmente, existem os verbos de concordância, que dispensam o uso de um sinal de apontação, pois marcam a pessoa do discurso por meio do movimento, relacionando o ponto de partida do movimento com a função sintática de sujeito, e o ponto de chegada com a função sintática de objeto. Palavras-chave: Interlíngua, aquisição L2, sistema pronominal português.

AVALIAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

LETÍCIA DE SOUSA LEITE
MARIA INÊS VASCONCELOS FELICE
ELIAMAR GODOI

Este é um trabalho que objetiva problematizar o quão desafiador se torna a avaliação no ensino de Língua Portuguesa para surdos na perspectiva da educação inclusiva. Para tanto, primeiramente, apresentaremos as discussões em torno do processo de inclusão dos alunos surdos. No tópico seguinte, pontuaremos sobre os mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua de acordo com os documentos legais vigentes. E, por fim, propomos uma reflexão sobre os sujeitos envolvidos no ensino e na aprendizagem serem também coautores nas práticas e nos processos avaliativos, sob a ótica da avaliação que pretende ser formativa. A fim de buscar suporte à temática envolvida no presente estudo, trabalhos com os de Luckesi (2006), Álvarez Mendez (2002), Fernandes (2007), dentre outros autores, e ainda alguns documentos oficiais, tais como, a Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05 fundamentaram nossas discussões. Assegurar a educação bilíngue para alunos surdos requer o direito em ter pleno desenvolvimento na língua de sinais, antes e no decorrer da aprendizagem de quaisquer conteúdos. Considerando as particularidades desses sujeitos, o seu direito está fundamentado na aquisição da língua materna, a Língua de Sinais Brasileira, antes de iniciar a aprendizagem da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita. Esses desafios também perpetuam em uma série de outras questões, inclusive no processo avaliativo e nos currículos, acreditando que o aluno surdo deve ser avaliado por meio da mesma metodologia que os alunos ouvintes. A lógica da argumentação trazida aqui sob a ótica da educação inclusiva leva à conclusão de que os instrumentos de avaliação vivenciados em sala de aula se distanciam da avaliação formativa que considera as particularidades linguísticas dos alunos surdos. Diante disso, o presente estudo se justifica por constatar a escassez de estudos voltados para a referida temática. Essas considerações apontam para a relevância da pesquisa ao sistematizar informações referentes à avaliação no ensino de Língua Portuguesa para surdos na perspectiva da educação inclusiva. Palavras-chave: Avaliação; Ensino de Língua Portuguesa para surdos; Educação inclusiva.

CARACTERÍSTICAS PROSÓDICAS DA LEITURA EM VOZ ALTA DE FALANTES DO ENSINO SUPERIOR DA CIDADE DE UBERLÂNDIA– MG

IAGO CANDIDO DE LIMA
CAMILA TAVARES LEITE

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as características prosódicas da leitura em voz alta de falantes do ensino superior da cidade de Uberlândia, no Estado de Minas Gerais, com a finalidade de contribuir para descrição prosódica dos dialetos falados no Brasil. No decorrer da história percebemos que, desde o princípio, o ensino de escrita e leitura apresentou impasses. Isso porque os estudos relacionados à prosódia exigem metodologias que envolvem recursos tecnológicos e pesquisas relacionadas com

cognição, além de conhecimento acerca da sintaxe e semântica. Segundo Yacovenco (2000), a pausa é um elemento importante na organização temporal do discurso, é através das pausas que podemos identificar a organização discursiva com relação ao gênero discursivo, ou ao tipo do discurso. Cruttenden (1986), nas palavras de Scarpa (1995), diz que as pausas parecem tipicamente ocorrer três lugares do enunciado: a) em fronteiras de constituintes maiores, principalmente entre orações e entre o sujeito e predicado; b) antes de palavras de alto conteúdo lexical; c) depois da primeira palavra de um grupo entoacional, como por exemplo, correções e falsos começos e repetições. Segundo Marcushi (1997), as pausas podem ter várias funções, por exemplo: de organização de turnos conversacionais; de reformulação; indicativa de desconhecimento de assunto questionado em conversação. Pesquisa em andamento, para esse trabalho irei apresentar uma reflexão sobre o tema: “Leitura em voz alta e prosódia”. Sabe-se que para ler fluentemente, o leitor deve ser capaz de incorporar na leitura as variações rítmicas ou prosódicas normais, além de ser capaz de incorporar na leitura aspectos de expressividade presentes na fala (SCHWANENFLUGEL, HAMILTON, KUHN, WISENBAKER, STAHL, 2004). Nesse contexto, esse saber sobre as pausas, os recursos tecnológicos e cognitivos articulados no processo da leitura favorece o processo de descrição prosódica dos dialetos falados no Brasil.

CONCEPÇÕES DE LEITURA NO ENSINO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA

CLEIDE APARECIDA NUNES DA SILVA FRANCO

Este trabalho discute as concepções de leitura no processo de ensino de Língua Portuguesa enquanto L1 e L2 dentro do contexto escolar inclusivo. Temos como objetivo geral, analisar o papel da leitura dentro do contexto escolar enquanto processo de interação e inserção na sociedade contrapondo com o processo de ensino e aprendizagem da leitura entre alunos surdos e alunos ouvintes mediado pela interação do professor em aulas de leitura e interpretação de textos. Como metodologia de análise, utilizamos referenciais teóricos pertinentes sobre o ensino da leitura de textos escritos e das concepções pedagógicas acerca da Educação Bilíngue de Surdos e da Língua Portuguesa como segunda língua, tendo como autores referenciais como Albres (2008), Bronckart (2007), Franco (2008), Kleiman (1989), Lajolo (2006), Leffa (1996), Quadros e Karnopp (2004), dentre outros. Depreendemos que no espaço escolar, a prática de leitura se faz como um processo fundamental para a aprendizagem e a constituição de cidadãos críticos. Assim, propomos neste trabalho, analisar e refletir acerca da concepção de leitura imbricada à prática docente em aulas de leitura de textos de Língua Portuguesa. Ademais, o aluno surdo não deve ser visto como uma tábula rasa e sua participação nas aulas de leitura devem considerar a construção de sentidos a partir de sua primeira Língua (Língua de Sinais) no texto, uma vez que concebemos as aulas de leitura como um espaço de construção conjunta de significados mediados pela linguagem. O processo interacional não permite considerar que os participantes inseridos em um processo de comunicação não são entidades empíricas ou imediatas. Isso porque quando há um processo de comunicação entre falantes, seja pela língua oral ou gestual, será permeado por sentidos que, a partir de sua constituição subjetiva, atribui ao outro, à situação e àquilo que diz. A comunicação não é unilateral. Assim, entendemos que o trabalho pedagógico que vislumbre a leitura nesse espaço não deve, a

nosso ver, se restringir e se instaurar como uma atividade ritualística própria do espaço escolar e aplicada igualmente a alunos ouvintes.

Palavras-chave: Libras, interação, leitura.

"CUITELINHO": INTERFACES DE ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

RENAN WILLIAN DE SANTANA
ADRIANA CRISTINA CRISTIANINI

A presente comunicação objetiva apresentar um trabalho desenvolvido no curso de Letras: Língua Portuguesa com domínio de Libras, na disciplina de Variação e Mudança. Nessa disciplina, verificaram-se diversas metodologias relacionadas à pesquisa e ao ensino, de forma que, partindo de análises de livros didáticos no que se refere ao ensino de variação linguística dentro da sala de aula, a presente pesquisa estudou a canção “Cuitelinho”, com a hipótese de que há possibilidade de seguir, no ensino, uma linha diferente de “erro e acerto”, que aparece com recorrência. Entre outros, os mitos inerentes ao preconceito linguístico explicitados por Bagno (2007) foi de grande importância para este trabalho, pois refletindo a respeito deles, buscamos uma maneira de contribuir com a diminuição do preconceito. Outros estudos relevantes para nossa pesquisa foram: Cristianini (2007), que discute os tipos de variação e as diferentes normas das comunidades linguísticas; Santana (2016), que apresenta elementos sociolinguísticos presentes em canções da cultura de música popular brasileira; e Busse (2010), com sua proposta de ensino de língua não apenas na modalidade padrão, mas como possibilidade de inserção do indivíduo em diversos contextos sociocomunicativos. Diante disso, principiamos o estudo da canção “Cuitelinho”, relacionando-a a três fatores: o período da guerra do Paraguai, da qual o Brasil teve participação; a gramática popular, que é rotineiramente esquecida no ensino de português; e a presença de línguas de contato, no caso, português e espanhol. Percebemos, assim, que estudos variacionistas relacionados ao ensino podem indicar novos rumos para empoderar os estudantes em situações diversificadas que exigem variadas normas. Palavras-chave: Sociolinguística; variação linguística; ensino-aprendizagem; "Cuitelinho".

ANÁLISE CRÍTICO-REFLEXIVA DO LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LIBRAS

LADISLUDES HELENA BORGES

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de análise de uma coleção de livros didático voltados para o ensino de Libras, presumindo a concepção de língua que o perpassa e levando em consideração o público alvo ao qual o material é direcionado. Partindo do pressuposto de que o livro didático ocupa um importante papel no processo ensino-aprendizagem dentro da educação formal, esperávamos encontrar no material analisado, subsídios teóricos e metodológicos que contemplassem a especificidade de uma língua viso-espacial e viso-gestual como a Libras. Por ser a língua natural do surdo, pela forma de aquisição em um sistema linguístico que reflete a capacidade psicobiológica do ser humano para a linguagem, a Libras tem propriedades estruturais

em níveis sintáticos, morfológicos e fonológicos que devem ser considerados no processo ensino-aprendizagem, além do mais, é possível expressar qualquer conceito e/ou significado dentro de uma situação comunicativa em Libras, seja ele descritivo, emotivo, racional, metafórico, literal, abstrato ou concreto. Porém, mesmo instituída como língua oficial do país e valorizada para a inserção social do surdo, há poucos materiais didáticos disponíveis para o ensino de Libras no Brasil. Por isso, a tarefa de se analisar os materiais didáticos se justifica pela importância no auxílio dos trabalhos dos professores em uma perspectiva de educação bilíngue, em que a Libras seja ensinada como a primeira língua do aluno surdo e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como sua segunda língua. A coleção ora analisada, intitulada “Libras Língua Brasileira de Sinais – a imagem do pensamento”, se propõe ao ensino de Libras para surdos. A coleção é composta por cinco volumes nos quais reconhecem a existência de variações linguísticas existentes na Libras, porém, apesar de desprezarem o preconceito linguístico e considerarem que haja diferenças culturais e regionais que interferem na língua, não apresentam opções de sinais para contemplá-las. Apontamos também, em nossas considerações, que a finalidade primeira da coleção, quer seja, o ensino de Libras para surdos, não foi lograda da melhor maneira, pois, a língua de instrução é a Língua Portuguesa o que estrutura o material para que ouvintes sejam mediadores do ensino de Libras, assim, a hipótese levantada de que o material beneficiaria os aspectos visoespacial e visogestual da Libras foi refutada.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS: HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO POSSIBILIDADE DE LETRAMENTO

ANDRELINA HELOISA RIBEIRO RABELO
SUELY ANDRÉ DE ARAÚJO DRIGO

A proposta desse trabalho se baseia na análise das possibilidades de ensino da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) na modalidade escrita para alunos surdos de uma escola pública da Cidade de Uberlândia-Minas Gerais, a partir da oferta de um minicurso, desenvolvido por alunos do Curso de Letras Língua Portuguesa com Domínio de Libras da Universidade Federal de Uberlândia. História em Quadrinhos (HQs) foi escolhida como material de trabalho para a proposta de intervenção, por se constituir um gênero discursivo amplamente imagético e apresentar simultaneamente linguagem verbal e não verbal atendendo as especificidades da língua de sinais (Libras) primeira língua (L1) do surdo - que por sua vez é gestual-visual. Compreendendo que a escola é agenciadora de letramento e que propicia ações efetivas de leitura, compreensão e escrita, escolhemos a temática “Meio ambiente”, por se tratar de um tema interdisciplinar já trabalhado anteriormente pelos alunos em outras disciplinas e principalmente pelo fato dos alunos estarem inseridos em contextos sociais que já se ocupam desse assunto. Fundamentando-nos em Soares (2003, 2011), Kleiman (2005), Rojo (2006) e Street (2000), de modo que o aluno seja entendido como o protagonista no processo de formação do sujeito-aluno letrado e capacitado a atuar nas diversas práticas de leitura e escrita. Usamos a Libras como língua de instrução, para implementar o ensino de Língua Portuguesa como L2, o que possibilitou um avanço no processo de construção de textos dos alunos, que compreenderam os diálogos dos HQs na interação dos signos linguísticos e visuais compondo um gênero do discurso, significado tanto em sua materialidade verbal quanto não verbal. No trabalho de ensino de Leitura, ativamos o conhecimento prévio do aluno, contextualizando-o com o tema

proposto, para que se efetivasse a alfabetização, bem como o letramento, levando-o a compreensão textual, para que posteriormente desenvolvesse a modalidade escrita da Língua Portuguesa. Logo, os alunos foram estimulados a conhecer as palavras chaves do texto a ser trabalhado, produziram frases com essas respectivas palavras, e após esse processo, tiveram acesso ao texto iniciando um diálogo sobre a compreensão textual. Os resultados obtidos foram positivos, os alunos demonstraram por meio da interação e contextualização domínio da temática ministrada, lendo, interpretando, redigindo sentenças e dialogando sobre o tema.

Palavras chaves: Letramento, Libras, Língua Portuguesa.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE LIBRAS

ANTONIO FRANCISCO JACAÚNA NETO

Quer se problematizar a questão da comunicação na sala de aula entre estudante surdo e professor. Tendo como ponto central que a Formação Continuada para a docência concretiza-se em cada localidade educacional da Federação, via seus Sistemas e Redes de Ensino e que ela compreende dimensões políticas e didáticas que provocam um repensar do processo pedagógico, o qual envolve o Ministério da Educação (MEC), o Conselho Nacional de Educação (CNE), quer-se apontar questões relevantes sobre os limites do ato de ensinar sem a presença de uma língua comum entre o professor e o estudante surdo. Pensamos que cada Professor da chamada “sala regular” carece da urgência de se capacitar nessa Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, por ter ou poder vir a ter aluno surdo. E cabe ao seu respectivo Sistema de Ensino promover Formações Continuadas inclusivas, neste caso, voltadas para capacitar de fato todos os professores em Libras. Desta forma, tendem a materializa-se o objetivo de qualificar melhor o profissional de educação na construção de um mundo mais inclusivo. Nesse sentido, esta comunicação fará uma breve Gênese da relação: libras e formação de professores (passando por questões históricas, definições de conceitos, legislações - com destaque para a Resolução CNE 2/2015); dados e desafios sobre Formação Continuada e Libras (referencia ao estado da arte com ênfase em literaturas atuais) e por fim, levantar questões sobre como fazer com que as Formações Continuadas em Libras serem de fato Inclusivas (incluindo o professor em todo o processo da Formação Continuada, além dos demais agentes educacionais e em especial, os alunos surdos).

INTERAÇÃO ENTRE UM TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS E UMA PROFESSORA SURDA: O PROCESSO DO ENSINO/APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO MUSICAL PARA ALUNOS SURDOS

DORCELITA BARBOSA GONÇALVES
SARITA ARAÚJO PEREIRA

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a interação e troca de conhecimentos entre uma professora surda com formação acadêmica em música e uma tradutora/intérprete de língua de sinais com formação acadêmica em magistério na efetivação de educação musical de alunos surdos inseridos em uma escola pública de música. Nesta escola três personagens se encontram em perfeita harmonia: o aluno surdo, a professora surda e a intérprete de LIBRAS. Cada um com uma função

específica nesse processo. Assim, o trabalho não tem a pretensão de mostrar uma superação, mas, evidenciar que os limites e as barreiras, muitas vezes impostas pela sociedade, na verdade são aliados no desenvolvimento da aprendizagem musical. A chegada de alunos surdos a esta escola de música revelou a necessidade emergencial de que os aspectos educacionais relacionados ao processo de atendimento acadêmico a esse grupo sejam trazidos ao debate. Dentro desta perspectiva, foi desenvolvido um projeto para desenvolvimento de metodologias e didáticas além da chegada de intérpretes de LIBRAS, o que atendeu uma parte das necessidades comunicacionais dos alunos surdos. Esses profissionais se desdobraram em seus conhecimentos musicais na construção da LIBRAS, e desenvolveram, através de pesquisa, materiais didático-pedagógicos para serem utilizados na sala de aula pelos professores e alunos. Os termos musicais em língua portuguesa ganharam uma versão em língua de sinais e foram registrados em uma publicação, os profissionais desse projeto mostraram que a área de tradução e interpretação em língua de sinais é um universo novo e amplo a ser desenvolvido. O projeto ganhou dimensão por todo o país, servindo como modelo na educação musical de surdos. Em cada área pedagógica e ambiente musical onde estão os surdos, profissionais da educação e intérpretes de LIBRAS precisam acompanhar, conhecer e dominar a língua, para transformar o Brasil em um país bilíngue. Com o seu uso em sala de aula, a escola de música se transforma em um verdadeiro espaço de troca de saberes, contemplando a vasta diversidade da discussão sobre a inclusão. Além disso, a partir de agora, a concretização de uma identidade linguística de alunos alfabetizados musicalmente e que possuem uma forma de comunicação com status de “língua” os torna protagonistas do “aprender”. Palavras chave: educação musical, surdez, tradução/interpretação.

LIBRAS NA CENTRAL DE IDIOMAS: FORMA INSTITUCIONALIZADA DE USO E DIFUSÃO

ELIAMAR GODOI
RENATA ALTAIR FIDELIS
TELMA ROSA DE ANDRADE
RAQUEL BERNARDES

Esse estudo tem por objetivo apresentar uma análise das ações de um curso regular de Libras que é oferecido em uma Central de Línguas - CELIN da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Sabe-se que o ensino de Libras em centrais de idiomas enquanto um curso regular se constitui como uma expressiva novidade. Isso pelo fato de que essa Língua tem sido ensinada apenas em associações de surdos ou como curso de extensão na modalidade presencial ou a distância nas universidades brasileiras sem seguir, no entanto, abordagens que atenda as especificidades de seus aprendizes, seja surdo ou ouvinte. Diante da realidade da falta de metodologias que atenda a especificidade do aprendiz, para o curso de Libras oferecido pela Central de Línguas da UFU, foi criada uma metodologia de ensino de Libras específica para ouvintes, a qual se norteia pela abordagem comunicativa de ensino de Línguas. Essa metodologia considera a especificidade do aprendiz ouvinte, o público alvo da oferta do curso. A oferta desse curso regular de Libras na CELIN, se justifica, pois um espaço de ensino de Libras na Central de Idiomas constitui, de todo modo, em uma forma institucionalizada de apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, Lei 10.436/02). Trabalhos como os de

Almeida Filho (2010) e Gesser (2012) fundamentaram nossas ações e proposta, a qual considera a metodologia para ensinar Libras como segunda língua para ouvintes, de forma contextualizada e interativa por meio de situações de uso da língua no dia-a-dia. O curso regular de Libras oferecido na CELIN visa o desenvolvimento da fluência e acuidade nas habilidades de compreensão e sinalização, proporcionando a comunidade interna e externa da UFU o acesso à cultura surda nacional. Esse curso foi pensado no sentido de propiciar um espaço para que o processo de ensino e aprendizagem de Libras potencializasse o desenvolvimento das competências necessárias para o uso da Libras em todos os contextos. A análise mostrou que a metodologia de ensino de Libras para ouvintes norteada pela abordagem comunicativa de ensino de Línguas tem atendido às expectativas dos aprendizes que aprendem a Libras de forma contextualizada e conseguem se comunicar utilizando a língua alvo em contextos bilíngues. Concluímos também que a oferta da Libras em uma Central de Idiomas enquanto um curso regular é um sinal de prestígio para Libras que, conquistado esse lugar, ainda tem muito a conquistar em termos de espaço no Brasil.

Palavras Chave: Libras. Central de Idiomas. Línguas.

O CONHECIMENTO DA COMUNIDADE SURDA QUANTO A PREVENÇÃO DO CÂNCER DE PRÓSTATA

CÉLIO GARCIA VIEIRA MELAZZO

A Organização Mundial da Saúde considera atualmente o câncer de próstata como um problema de saúde pública de grande repercussão, exigindo que ações em saúde alcancem também os surdos. Este estudo buscou identificar o conhecimento de homens surdos quanto a medidas preventivas do câncer de próstata e demonstrar as dificuldades enfrentadas pelos surdos em assimilar as orientações dos profissionais de saúde quanto à prevenção do câncer de próstata. Foi realizado um estudo observacional, de corte transversal descritivo, com abordagem quantitativa em uma associação de surdos na cidade de Uberlândia-MG durante o mês de fevereiro de 2010, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFU. Foram entrevistados 53 surdos, com base em um questionário sócio demográfico para avaliar o conhecimento de homens surdos quanto a medidas preventivas do câncer de próstata. Dos 53 surdos avaliados 5 (9,4%) estavam na faixa etária entre 18 a 25 anos, 25 (47,2%) entre 25 e 35 anos, 14 (26,4%) na faixa etária de 35 a 45 anos e 9 (17%) tinham mais de 45 anos, sendo que a faixa etária predominante foi a de 25 a 35 anos (47,2%). Observa-se que a maioria dos surdos que dizem desconhecer o que é o câncer de próstata (32%) está na faixa etária de 25 a 35 anos. A faixa etária de 35 a 45 anos foi a que apresentou maior número de surdos que disseram conhecer o que é o câncer de próstata 8 (15,1%). Quando o conhecimento sobre o câncer de próstata foi relacionado ao estado civil dos participantes, dos 53 entrevistados 29 (54,7%) relataram não conhecer o câncer de próstata e 20 (37,7%) disseram que conhecem o que é o câncer de próstata. Notou-se que um grande obstáculo para a adoção de métodos preventivos e busca por soluções para os agravos os quais os surdos são acometidos está relacionado à grande dificuldade na comunicação entre os profissionais de saúde e os clientes surdos. Sendo assim, os estudos mostraram total carência de projetos que venham garantir ações de esclarecimentos como palestras em Libras, vídeos em Libras com informações, material impresso com orientações, além da figura do intérprete como facilitador na comunicação com o profissional de saúde somado a ações que incentivem a capacitação destes profissionais para a comunicação e

atendimento ao surdo para que sejam criadas ações que possam de fato garantir ao surdo o seu direito à assistência a saúde com qualidade e acessibilidade.

Palavras-chave: Câncer de próstata, surdos, inclusão.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS

JOICIENE ALVES BATISTA
LETÍCIA DE SOUSA LEITE
RAQUEL BERNARDES

OBS: Texto na Interlíngua Português/Libras

Educação bilíngue alunos surdos antes necessário é desenvolvimento língua de sinais, importante para antes e durante tempo da aprendizagem todos conteúdos; isso é grande desafio. Sujeitos surdos têm particularidades linguísticas porque direito é língua materna, Língua Brasileira de Sinais, antes de início de aprender a Língua Portuguesa. Importante esclarecer que aprendizagem da Língua Portuguesa é escrita como segunda língua para pessoas surdas que comunicação Libras. Língua Portuguesa ensinar para surdos na escola inclusão não entender que importante é surdo aprender antes língua de sinais, para depois o aluno surdo entender léxico, sintaxe, semântica, pragmática e todos conhecimentos linguísticos duas línguas, língua de sinais e língua oral. Inclusão para aluno surdo precisar antes mudar política linguística. Importante reconhecer diferença linguística aluno surdo para ensinar Língua Portuguesa como segunda língua. Se professores não entender como surdez que ensino e aprendizagem são diferentes para aluno surdo, professor não vai saber ensinar alunos surdos. Discussão sobre ensinar Língua Portuguesa para surdos e formação de professores para atuar na LP como segunda língua no Atendimento Educacional Especializado é recente. Por isso, esse trabalho tem objetivos pesquisar o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos e também problemas da ausência da formação de professores de LP como L2 para surdos; objetivo também de analisar alguns livros sobre ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos. Autores Lodi (2004), Quadros (1997), Karnopp (2012) e outros autores são fundamentação teórica da pesquisa, e também documentos oficiais, Lei 10.436/02, Decreto 5.626/05 e Decreto 7.611/11 para discussões. Relevância dessa pesquisa é investigar sobre ensino da Língua Portuguesa para surdos e formação de professores para atuar no Atendimento Educacional Especializado ensinar LP como segunda língua modalidade escrita para alunos surdos. Justificativa da pesquisa porque existir ainda poucas pesquisas que discussão dos problemas e dificuldades da ausência de professores da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Alunos Surdos; Atendimento Educacional Especializado.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA DOCENTE EM FORMAÇÃO

RENATA ALTAIR FIDELIS

O presente estudo apresenta os desafios e dificuldades encontrados por uma docente em formação no curso de Letras: Língua Portuguesa com domínio de Libras, curso esse que

visa habilitar profissionais competentes, críticos comprometidos com a cidadania e a inclusão, hábeis a utilizar e a ensinar as várias manifestações da linguagem atuando de forma ética sobre a realidade educacional. Deste modo em um trabalho em equipe, a docente ministrou aulas de Língua Portuguesa em um cursinho alternativo para alunos surdos o qual, visa a preparação dos discentes surdos para inserção ao ensino superior. Esse cursinho alternativo para surdos tem como objetivo principal o de contribuir para a inclusão de pessoas surdas no ensino superior. Nesse caso, esse cursinho surge enquanto um espaço de ensino, pesquisa e aprendizagem na área da educação do surdo desenvolvendo ações que visem à superação das atuais condições de desigualdade e exclusão escolar característico da comunidade surda. De acordo com o decreto 5.626/05 o ensino de Língua Portuguesa para a pessoa surda foi determinado na modalidade escrita e como segunda língua – L2. Dessa forma, ensinar uma língua escrita para quem desconhece a oralidade é um amplo desafio, para alguns docentes que se deparam com alunos surdos em sala de aula. Segundo Quadros (2006) a língua de sinais tem um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem do português. Essa trabalho se justifica pela importância do ensino da Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos, pois demonstra que ações estão sendo realizadas para a inclusão do surdo no contexto do ensino superior. Esse trabalho se constitui em um relato de experiência dessa aluna em formação inicial complementada pela pesquisa bibliográfica que segundo Marconi e Lakatos (2003), abarca toda a bibliografia tornada pública relacionada ao tema de pesquisa, desde jornais, livros e revistas, monografias, teses, artigos eletrônicos e outros os quais possibilita ao pesquisador o contato direto com essas fontes. Os resultados parciais da pesquisa possibilitaram constatar a importância da Língua Portuguesa para os alunos surdos no processo de ingresso no ensino superior, haja vista, os resultados alcançados, demonstrados pelo processo de avaliação realizado no decorrer da oferta do cursinho.

Palavras-chave: Português como segunda língua, Educação de Surdos, Libras.

O PROCESSO DE ENSINO DE LIBRAS PARA OUVINTES: ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS DESENVOLVIDAS NOS CURSOS DE LIBRAS BÁSICA OFERTADO EM CENTRAIS DE IDIOMAS

RAQUEL BERNARDES
ELIAMAR GODOI
LETÍCIA DE SOUSA LEITE

A presente pesquisa, em estágio inicial, tem como objetivo geral analisar como ocorre o processo de ensino de língua de sinais para alunos ouvintes nos cursos básicos de Libras, tendo em vista o ensino da Libras, como segunda língua. Especificamente, pretende-se analisar as ações didático-metodológicas dos cursos de Libras básica e ainda como se estabelece a legislação da oferta do ensino dessa língua. Nessa direção, o presente estudo se justifica por constatar que com o aumento na demanda de profissionais (professores e intérpretes) fluentes em Libras, geradas pelas legislações, os cursos de Libras estão sendo abertos sem uma reflexão a cerca do ensinar adequadamente uma língua de modalidade diferente e de característica tão peculiar, o que demanda estratégias didático-metodológicas diferenciadas das aplicadas no ensino de idiomas orais. Esses dados apontam para a relevância dessa pesquisa ao sistematizar informações referentes ao ensino de Libras e suas implicações didático-metodológicas. Quanto ao referencial teórico e metodológico, a pesquisa será circunscrita na revisão

bibliográfica da temática de estudo, quais sejam, os textos referentes ao ensino de línguas. A fim de buscar suporte à temática envolvida no presente estudo, trabalhos como os de Almeida Filho (2010), Felipe (1993), Gesser (2010) e Pimenta (2009), além de documentos oficiais, tais como a Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05, dentre outros fundamentarão as discussões. Uma reflexão a cerca da temática nos possibilitaria desenvolver estratégias didático-metodológicas aplicadas em um curso de Libras básico que favoreçam o desenvolvimento da fluência em Libras da referida turma. Um formato metodológico específico para o ensino de Libras para ouvintes favoreceu a criação de uma sequência metodológica adequada que nos levou a trabalhar primeiramente os elementos pré-textuais e depois pós-textuais, o que contribuiu de modo relevante o desenvolvimento da competência da leitura e produção em Libras. Esse trabalho nos possibilitou analisar o impacto do uso de estratégias didático-metodológicas com um grupo de alunos e ainda à observar a eficácia desses no sentido de promover um efeito positivo na fluência dos alunos do curso de Libras, nos instigando a analisar os demais contextos e suas práticas em relação às ações didático-metodológicas.

O SISTEMA PRONOMINAL NA INTERLÍNGUA DO SURDO APRENDIZ DE PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA

TELMA ROSA DE ANDRADE

O sistema pronominal na interlíngua do surdo aprendiz de português como segunda língua Telma Rosa de Andrade (Doutoranda, UNB) telmalibrarosa@hotmail.com Heloisa Salles (Doutora, UnB) heloissalles@gmail.com O estudo investiga a interlíngua de surdos que utilizam a língua de sinais brasileira (LIBRAS) como a primeira língua (L1) aprendizes de português como segunda língua em contexto educacional, considerando particularmente o sistema pronominal. Adotamos a hipótese de que existe interferência da L1, no desenvolvimento da L2, sendo a L1 o estado mental inicial, mas o aprendiz mantém o acesso à gramática universal, que manifesta propriedades inatas (conforme Chomsky 1995). Partimos da observação de que, nas línguas de sinais, os pronomes pessoais são realizados pela apontação no espaço de sinalização e também pela orientação do olhar, na indicação da 1ª, 2ª. e 3ª. pessoa do discurso, no singular e no plural (Ferreira Brito 1995). Em português, os pronomes são realizados por itens específicos para cada pessoa do discurso, no singular e no plural, e assumem formas diferentes se estão na posição de sujeito ou de complemento (Cunha 1972). Os dados são coletados em duas atividades experimentais realizadas com estudantes do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental, e analisados em perspectiva transversal, considerando-se que o input linguístico da aquisição aumenta em função do nível acadêmico dos participantes. Verificamos que o uso dos pronomes nos dados da interlíngua apresentam as seguintes características: (a) tendência ao uso adequado do pronome de 3ª pessoa, como substituto de nomes do tipo [+animado] / [+humano]; (b) uso inadequado do pronome na 3ª pessoa, como substituto de nomes do tipo [-animado]. Verificamos também a dificuldade no uso dos pronomes de 1ª e 2ª pessoa, em contexto de sentença, com o verbo flexionado. Considerando o contraste no sistema pronominal nas duas línguas, concluímos que as inadequações no uso do sistema pronominal na

PANORAMA DO PROCESSO FORMATIVO DO PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS NO CONTEXTO BRASILEIRO

RICARDO RODRIGUES DOS SANTOS

Esse estudo tem como objetivo apresentar um panorama realizado sobre o processo de formação do profissional Tradutor e Intérprete de Libras - Tils no Brasil. Justifica-se a necessidade de realizar pesquisas nesta área, pois, muitas vezes, esse profissional ingressa no mercado de trabalho sem ter capacitação mínima e nem condições adequadas para realizar a sua atuação. Há situações em que o profissional é levado a atuar no mercado de trabalho sem ter o requisito mínimo que é a fluência na Libras. Essa falta de formação e/ou capacitação compromete o processo de atuação prejudicando o processo de interação entre surdos e ouvintes. Se por um lado, para a atuação de qualidade, esse profissional deve receber formação e capacitação para que ele aprenda e desenvolva técnicas e habilidades de tradução e interpretação Libras/Português, por outro, o Tils não tem encontrado cursos de Libras e nem cursos de formação que o qualifique para atuar no mercado. Muito recente, esta profissão foi regulamentada pela Lei nº 12.319/2010. A regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete de Libras deveria impulsionar o processo de formação no Brasil. Esperava-se que as instituições formadoras pudessem criar cursos de formação, capacitar os Tils para que ingressassem no mercado de trabalho já qualificados, no entanto, não é isso que tem acontecido. Atualmente, tem-se observado que o profissional Tradutor e Intérprete é impulsionado a atuar no mercado de trabalho sem ter condições mínimas de preparação em termos de formação e capacitação. Esse profissional tem que desenvolver técnicas de interpretação, mas nota-se que quase não tem havido curso de formação para esses profissionais que, despreparados, acabam por desenvolver comportamentos inadequados no processo de atuação ao atender a comunidade surda. Em estágio inicial, até o presente momento, os estudos tem demonstrado a importância de divulgar a necessidade de formação e estampar para o contexto brasileiro o vácuo que existe em relação a formação desse profissional tão importante no processo de inclusão da pessoa surda nas instituições educacionais. A pesquisa bibliográfica de cunho descritivo foi a que norteou nossos estudos, pela qual, levantamos que o processo de formação do profissional tradutor e interprete no contexto brasileiro não tem recebido a atenção que necessita. A falta de formação adequada para o Tils tem ocasionado uma série de problemas no processo de atuação prejudicando muitas vezes o processo de mediação entre as duas línguas, comprometendo a interação entre surdo e ouvinte. No entanto, a falta de cursos de capacitação e de formação, além da alta complexidade das habilidades que esses profissionais devem desenvolver, o que leva um demorado tempo de preparo e muito empenho, vem ocasionando a desistência da profissão de muitos possíveis profissionais Tils, diminuindo o número de profissionais qualificados, ampliando ainda mais a demanda por esses profissionais no mercado de trabalho brasileiro.

Palavras-chave: Processo; Formação Profissional.

PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE ALUNOS SURDOS NO CONTEXTO ACADÊMICO

ANDRELINA HELOISA RIBEIRO RABELO
ELIAMAR GODOI

A Sociolinguística se ocupa de investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático aplicado a todas as línguas vivas, inclusive as línguas de sinais. Nessa perspectiva, a Sociolinguística se constitui enquanto um campo multidisciplinar capaz de examinar a relação entre língua e sociedade a partir de perspectivas políticas, demográficas, econômicas, linguísticas, entre outras. De modalidade gestual-visual, as línguas de sinais (doravante Libras – no Brasil) são as línguas utilizadas pelas comunidades de pessoas surdas como meio de comunicação. Distintas das línguas orais, as línguas de sinais, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de comunicação e expressão de natureza visual-motora e dinamismo inerente, sendo heterogêneas por essência. Sendo assim, formas distintas, diversas e diversificadas experiências e atividades linguísticas são facilmente encontradas nas línguas de sinais que se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe, da morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e ainda no nível pragmático-discursivo. Com base teórica em Tarallo (1986), Mollica (2004), Diniz (2010), Labov (2008), esse trabalho, trata-se de um projeto de Iniciação Científica e tem como objetivo geral mapear as variantes linguísticas ocorridas no registro, também chamado de estilo, usado no âmbito acadêmico, pelos alunos surdos dos cursos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tendo como postulado básico e objeto de estudo as narrativas de experiência pessoal, com vistas a apontar dados que reflitam o vernáculo desses alunos. Para isso serão coletadas, por meio de filmagens, as narrativas de experiência pessoal dos alunos e transcritas, em seguida será realizada análise comparativa dos sinais utilizados nas narrativas com base em dois corpus de exclusão: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - <http://acessobrasil.org.br/libras/>) disponibilizado gratuitamente pelo INES e outro impresso NOVO DEIT-LIBRAS: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras), apontando as variáveis e descrevendo o perfil da variação ocorrida no uso da Libras na UFU, a partir da análise do uso dos substantivos, além de apontar e analisar os fatores condicionadores das variantes com vistas a traçar o perfil do vernáculo dos graduandos surdos da UFU. Assumimos como justificativa para esse trabalho a necessidade de analisar e registrar o perfil do vernáculo dos alunos surdos dessa instituição, os quais fazem uso da língua de sinais, contribuindo assim para os processos de descrição da Libras, perenização, divulgação e difusão, mantendo essa língua viva e dinâmica.

PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DA RELAÇÃO DO SUJEITO ENTRE LÍNGUAS

ONILDA APARECIDA GONDIM

Este trabalho tem como objetivo analisar e problematizar o modo como algumas práticas de leitura têm ocorrido em uma escola estadual de educação inclusiva em Goiás. A educação inclusiva de que tratamos é aquela em que os alunos surdos estão

inseridos na sala de aula regular, com mediação do intérprete. Tais alunos contam, também, com momentos na sala de recursos da escola. As práticas de leitura que enfocaremos integram as aulas de língua portuguesa em que o professor, pautado no livro didático ou não, toma por base as questões dos gêneros textuais. A problematização deste trabalho está circunscrita à questão de que o aluno surdo é tomado, por nós, como um sujeito entre línguas; no caso, entre libras e língua portuguesa. Essa realidade acaba por implicar efeitos para a própria relação do aluno surdo com os saberes que estão em jogo no espaço de sala de aula, tendo em vista a mediação exercida pelo professor e pelo intérprete. Com estatutos semióticos e semânticos diferentes, essas línguas em relação significam as práticas de leitura de maneira específicas. Desse modo, à luz da Análise de Discurso francesa, preconizada por Pêcheux, perguntamo-nos: Por estar em uma condição de sujeito entre línguas, como o aluno surdo participa ou não das práticas de leitura acompanhadas e observadas por nós? Com base nas transcrições produzidas, inclusive com o auxílio de um intérprete, vamos mobilizar alguns excertos discursivos, buscando mostrar: (1) o modo como o professor regente da turma produz a sua abordagem sobre o gênero textual foco da aula; (2) o modo como o intérprete produz a sua abordagem sobre os saberes produzidos pelo professor, vertendo-os em Libras para o aluno surdo; (3) o modo como o aluno participa ou não das práticas de leitura, tendo em vista a sua condição de sujeito. Na condição de “sujeito”, o surdo pode exercer ou ser convocado a participar da produção e circulação de saber da aula, inclusive pelo modo como o professor se endereça a ele. Nesse caso, há projeções de interlocução que são feitas, dado o jogo interlocutivo constitutivo do espaço de sala de aula. Contudo, a depender das circunstâncias enunciativas, esse jogo interlocutivo pode se rarefazer, implicando, inclusive, o apagamento do surdo na condição de sujeito. Palavras-chave: Práticas de leitura; Sujeito; Discursividades

AULA DE LEITURA EM LÍNGUA PORTUGUÊSA PARA ALUNOS SURDOS: PERSPECTIVA DO GÊNERO DISCURSIVO “DIÁRIO”

ANDREA CRISTINA VASCONCELOS BARBOSA

O grande problema enfrentado hoje no ensino de língua portuguesa para surdos é o foco que se dá na comunicação oral, ou seja, se dá uma ênfase maior no ensino da língua, e não no da leitura e da escrita. Isso se comprova nas salas de aula, onde é prioritário a presença do intérprete para que se estabeleça uma compreensão do que é falado pelo professor, visto que ainda não alcançamos a realidade de uma língua que seja comum a alunos surdos e professores ouvintes. Respeitando as particularidades linguísticas dos surdos, esse trabalho terá o principal objetivo considerar a escrita natural do aluno surdo, respeitando sua identidade, ou seja, seu jeito próprio de escrever. A metodologia a ser aplicada são as oficinas, divididas em módulos sequenciais onde nossa proposta traz uma preocupação com a escrita espontânea que o surdo possui ao relatar algum acontecimento ou escrever uma redação de férias, por exemplo. Pretendemos alcançar nosso objetivo, fazendo com que esse aluno se expresse utilizando sua língua, mas, de forma a considerar as regras de escrita do português. Trabalhar a escrita do surdo, com base na sua própria compreensão e na sua própria língua, pode ser um bom caminho na inclusão desse aluno numa sala mista, de surdos e ouvintes, e pode também orientá-lo a compreender melhor a leitura de textos e livros em língua portuguesa.

Palavras-chave: Escrita natural; Surdo; Compreensão.

SURDEZ É DOENÇA?

EDNA NICOLINA SILVA
LÁZARA CRISTINA DA SILVA

A educação dos surdos sempre foi perpassada de muitos estigmas, alguns desses eram que para que o surdo conseguisse se desenvolver social e intelectualmente era imprescindível o uso da língua oral. Entretanto, autores como Skliar (1992, 1997, 1998 e 1999), na contramão do que se pressupõe, acreditam que o uso das línguas de sinais consegue suprir todas as necessidades comunicativas, interacionais e psicológicas de um surdo da mesma maneira que as línguas orais suprem essas necessidades de ouvintes. Desta forma, alguns dos questionamentos apontados neste artigo são “qual é o posicionamento dos pais em relação à descoberta do filho surdo?” “Quais ferramentas podem ser úteis aos pais e as crianças surdas para seu desenvolvimento?”. Acredita-se, como afirma Gesser (2009), que a língua de sinais (Libras no caso do Brasil) seria de vital importância para o desenvolvimento da subjetividade nos sujeitos surdos, em detrimento das línguas orais que seriam adquiridas como línguas secundárias ao aprendizado do surdo. Sabemos que a visão clínica e a visão socioantropológica foram as duas linhas que ocorreram com maior número de adeptos no contexto brasileiro. Nesta perspectiva, foi realizado um questionário com dois sujeitos surdos, de 18 e 20 anos respectivamente, a fim de analisar seu desenvolvimento escolar relacionando com as teorias de pedagogia surda. O propósito dessa pesquisa é auxiliar os pais no momento em que estivessem lidando com as surdez de seus filhos e buscar resposta para as perguntas acima que ainda causam muita dificuldade nas relações familiares dos surdos. Palavras-chave: Surdo; Língua de Sinais; Pedagogia Surda.

TENHO UMA ALUNA SURDA: EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTEXTO DE AULA PARTICULAR

ELAINE AMÉLIA DE MORAIS

Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo geral narrar e discutir a minha prática docente diante da experiência de ensino de Língua Portuguesa para uma aluna surda, em contexto de aula particular. O objetivo específico deste estudo foi discutir o procedimento de construção do meu conhecimento prático-profissional durante minha atuação como professora de Língua Portuguesa, em contexto diferenciado. Além desses objetivos, dois questionamentos me ajudaram compreender a proposta desta pesquisa: quais as dificuldades podem ser encontradas pelo professor de Língua Portuguesa no ensino para os surdos e como construir uma prática de ensino em contexto particular. O contexto de pesquisa foram aulas particulares e individuais de Língua Portuguesa, ministradas para uma aluna surda. Foram participantes uma aluna surda e eu, professora, pesquisadora e participante. Realizei essa pesquisa com base nos estudos de Clandinin e Connelly (2000, 2011, 2015) e Clandinin (2013). Este estudo fundamentou-se, sobre a formação de professores de Língua Portuguesa para alunos surdos, em Vieira (2008), Araújo (2010), Gondim (2011), Pereira (2011), Oliveira (2014) entre outros. Como textos de campo, utilizei narrativas das aulas ministradas e algumas atividades produzidas pela aluna. A análise dos textos de campo foi realizada pela perspectiva de

composição de sentidos, segundo do Ely; Vinz; Downing; Anzul (2001). Após narrar minha experiência como professora, transito dos textos de campo para o texto de pesquisa e procuro compreender minha prática durante a experiência vivida. Como resultado, compreendi que era uma professora tradicional e gramaticista. Mas, durante a pesquisa, procurei inovar e adequar o ensino de Língua Portuguesa a uma metodologia de ensino da língua através de caminhos tecnológicos pelo uso. Na tentativa de inovação procurei na produção de HQs, no perfil do Facebook e no e-mail mudar minha prática e proporcionar uma aprendizagem menos tecnicista e mais autônoma.

**RESUMOS
DOS
PÔSTERES**

A INFLUÊNCIA, NO PROCESSO DE MEMORIZAÇÃO, DA MARCAÇÃO NOS TEXTOS: GRUPO A

BIANCA FERNANDES SANTOS

Universidade Federal de Uberlândia - UFU Autora: Bianca Fernandes Santos - PET/MEC Coautora: Profa. Dra. Camila Tavares Leite A leitura pode ser considerada uma das atividades cognitivas mais impressionantes do cérebro humano, pois ela é uma atividade complexa que exige, por exemplo, a decodificação do código escrito, o reconhecimento das palavras e seus significados, dentre outros mecanismos. Pode ser realizada a partir de processos bottom-up (ascendente), top-down (descendente) e interativo. O processo de leitura depende de um aspecto cognitivo, nossa memória, pois é ela que faz com que nós consigamos identificar as letras e o significado, faz com que tenhamos acesso ao conteúdo de frases lidas e ao conhecimento que já temos sobre o assunto, facilitando a compreensão do texto lido. Visto isso, o nosso trabalho, tem como objetivo observar o comportamento da memória, mais especificamente a memória de trabalho, no processamento da leitura, já que, além de ela ser recrutada para todos os tipos de leitura, também é responsável por manipular todas as informações. Para isso, testamos se a leitura de textos que apresentam palavras marcadas terá influência nas respostas dos leitores. Nossa hipótese é que as marcações influenciam no processo de memorização do texto e, para comprová-la, na primeira parte do trabalho, realizamos um experimento com 20 participantes. Neste experimento, todos leram, apenas uma vez, o texto "As crianças que trabalham como pastores", impresso, em uma folha A4, o qual apresentava algumas palavras em destaque (marcadas em amarelo). Cada participante, após a leitura do texto, respondeu, no computador, a doze perguntas sobre palavras que poderiam ou não estar no texto. Das doze palavras escolhidas, oito estão presentes no texto e quatro não; das presentes, quatro estão relacionadas com a ideia central do texto e as outras quatro não; das quatro que não estão no texto, duas possuem relação com ideia central do texto, e duas não possuem relação com a ideia central do texto. O experimento foi realizado no programa DMDX para que tivéssemos também o tempo de resposta de cada participante para cada pergunta respondida. Ao observarmos os dados, foi possível verificar que, conforme esperado, as palavras marcadas foram mais lembradas que as não marcadas. Ainda é importante notar que outros fatores foram relevantes para que o participante apontasse a presença ou não da palavra no texto, por exemplo, o campo semântico.

Palavras-chave: Leitura; Memória; Marcações.

ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA SOBRE O LIVRO “APRENDA LIBRAS COM EFICIÊNCIA E RAPIDEZ”

ALINE VIANA FREITAS
IAGO CÂNDIDO DE LIMA

Durante muitos anos a Comunidade Surda Brasileira esteve carente de materiais educacionais produzidos para o ensino da LIBRAS. Após a oficialização dessa, em 2002 por meio da Lei 10.436, houve um aumento na produção de materiais de ensino com objetivo de disseminação desta língua entre os ouvintes e também o ensino aos próprios surdos. Apesar de existirem vários livros, DVDs, entre outras publicações voltados para o ensino da LIBRAS, ainda se faz necessário que materiais voltados para as questões de contextualização sejam produzidos, e não focar apenas no ensinamento de sinais soltos. Isso certamente possibilitará a fluência aos aprendizes desta língua. O livro didático é um instrumento de grande valor educacional e está presente no contexto histórico do Brasil desde o período colonial (RIBEIRO, 2003). Mas, era privilégio de poucos, só os da classe alta que tinham acesso a esse. A desvalorização do ensino público e a falta de qualificação profissional do educador contribuíram para que o livro didático se tornasse um instrumento de ensino indispensável capaz de uniformizar o currículo escolar. No livro “A formação de professores e o livro didático: avaliação e controle dos saberes escolares”, Jardimino & Horikawa (2010) cita que: [...] o livro didático insere-se no processo de formação da identidade nacional, seja pelos temas e conteúdos priorizados nos manuais didáticos, seja pelas metodologias neles indicadas, seja pela perspectiva ideológica neles subjacentes [...] (p. 156), nesse livro eles apresentam o livro didático como sendo um instrumento pedagógico capaz de modificar a realidade nacional, educando e formando novas gerações. Segundo Freitas (2016), o livro didático sempre foi considerado um orientador das práticas pedagógicas para os professores, mas na escolarização de estudantes surdos ainda há resistência e dificuldade de uso desse material didático, pelo fato de esses alunos não apresentarem condições de leitura e escrita. Isso faz com que o professor deixe de usar o livro didático, que tem sua importância nesse processo de escolarização e é grande aliado na metodologia de ensino e aprendizagem dos nossos estudantes (CASSIANO, 2004). No ensino da Língua de Sinais Brasileira, os livros didáticos ainda são escassos e os que existem acabam não sendo utilizados em sala de aula. Além disso, podemos notar que os vários materiais existentes precisam ser revisados para fazer algumas adequações. Neste trabalho, analisamos um livro que é voltado para o ensino da Libras: “Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez”, com o objetivo de evidenciar os seus pontos fortes e fracos para o ensino de libras, considerando o seu público alvo.

Palavras-chave: Livro didático, Libras, ensino.

ASPECTOS DA LITERATURA SURDA: BREVE PANORAMA

LUCAS DIAS DIONÍSIO
MARIANA GUERRA SANTOS

O principal objetivo deste presente resumo é apresentar um panorama da literatura surda, sua contribuição para construção e/ou restabelecimento da identidade da pessoa surda. Cabe a este compêndio, através de análise e pesquisa de obras do gênero, a seguinte questão: produção ou adaptação? De acordo com o professor indiano Homi Bhabha, a literatura de reconhecimento é um fator primordial para construção da identidade; e a literatura surda (considerada reconhecimento) é de suma importância para a comunidade surda, que está envolta aos domínios e imposições dos ouvintes. Tal literatura vem para romper barreiras, desconstruir paradigmas e mitos que envolvem a comunidade em questão. É preciso salientar que as obras mais conhecidas estão voltadas para o público infanto-juvenil-como Cinderella Surda, Patinho Surdo, Rapunzel Surda, entre outras. A explicação que se dá para tal constatação é de que no período de tenra idade e tenra aprendizagem que a identidade passa a se construir. Por outro lado, são escassos, nos contextos escolares, materiais que tematizem a diversidade cultural, tendo em vista a possibilidade de leitura de outros textos, de outras imagens e de outras histórias do que significa ser diferente(KARNOPP). O presente trabalho visa a análise de obras adaptadas para os surdos. Ao se pensar em literatura surda é importante ter cuidado na utilização de alguns termos, em especial aqueles que tratam a surdez como deficiência ou patologia, pois segundo Karnopp “ esses discursos produzem e reproduzem representações que interferem diretamente nas práticas educacionais e sociais.” Portanto, a literatura surda tem muito a conquistar, é necessário que haja maior valorização e visibilidade do gênero, para que isso ocorra é preciso que além de adaptações sejam realizadas, mas sim produções, produções realizadas por surdos, que trabalhem as necessidades e especificações de cada etapa, ultrapassando o limite da tenra aprendizagem.

ASPECTOS DE FORMAÇÃO IDEOLÓGICA INSCRITOS NA LETRA DA MÚSICA "AMANTE NÃO TEM LAR" DE MARÍLIA MENDONÇA

ESTHER KAKOI FELIX
Orientadora: Profa. Dra. ELIAMAR GODOI

O trabalho traz uma análise discursiva da música “Amante não tem lar”, da cantora Marília Mendonça, composta por ela e também pelo compositor Juliano Tchula. As músicas de Marília são marcadas por uma posição socioideológica voltada para o empoderamento feminino, ao mesmo tempo em que as composições da cantora demonstram a realidade da vida amorosa de mulheres de classe média e baixa. O objetivo desse trabalho é de analisar a formação ideológica da música “Amante não tem lar”, por meio de observações das ideologias ligadas à mulher, tanto da sociedade atual, em que a música se inscreve, quanto as de outras culturas de diferentes épocas. Justifica-se pois, trabalhos voltados para análise de textos, dentro da perspectiva da

análise do discurso, podem contribuir para uma evolução do ensino da leitura, e logo, também, da produção de textos, tendo assim como consequência, um avanço no ensino da língua portuguesa nas salas regulares de ensino. O trabalho de Fernandes (2007), norteará na análise do fenômeno discursivo. Na música amante não tem lar, encontramos o sujeito discursivo sendo uma mulher que acabou, de alguma maneira não especificada, se tornando uma amante, pois se envolveu em um relacionamento com um homem casado. Esta carrega o sentimento de culpa, que acabou lhe sendo imputada, em razão das ideologias da sociedade, além das ideologias do contexto social em que uma amante se encontra. O sujeito discursivo também surge interpelado pela culpa dada pela sociedade à mulher, que é vista como inferior e de certa forma, se vê obrigada a seguir os padrões machistas dominantes de um certo padrão de conduta. A pesquisa ainda não foi finalizada e até o dado momento, por meio dela pode-se observar que as ideologias, atribuindo caráter de inferioridade à mulher é algo bastante atual, criado a partir de um pensamento machista que, uma vez perpetuado, está presente em praticamente em todas as sociedades desde a antiguidade até o presente momento. Em razão à essas ideologias, a mulher que se envolve em um relacionamento a três, acaba sofrendo muito mais retaliações que um homem que se encontre em igual situação. Ela é vista de forma condenável se tornando “impura” e errônea ante a uma sociedade essencialmente machista, ficando as margens tanto da sociedade quanto dos padrões impostos por ela. Pode se concluir ainda que essas ideologias machistas influenciam todos os contextos trazendo sérias consequências na sociedade sedenta por tolerância e direitos iguais.

**FORMAÇÃO DE TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS:
PERSPECTIVAS DE UMA ALUNA E
O OLHAR DE UMA PROFESSORA SURDA**

SARITA ARAUJO PEREIRA
RENATA ALTAIR FIDELIS

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a percepção de uma aluna em um curso de Formação de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira - LIBRAS em meio aos desafios e dificuldades encontradas para essa formação e o olhar de uma professora surda sobre a importância do tradutor intérprete de Libras para a comunidade surda. O profissional Intérprete surgiu a partir de prestezas espontâneas apreciadas enquanto atividade funcional na medida em que os surdos foram conquistando o exercício de cidadania (SEESP, 2004). O trabalho com intérpretes iniciou-se no Brasil na década de 80 em decorrência dos ofícios religiosos e informais. A metodologia utilizada para este trabalho será o relato de ambas, uma em relação ao percurso percorrido em diversos cursos de Libras que não a habilitavam ainda para a profissão a outra em relação a suas experiências com os profissionais tradutores e intérpretes de Libras. Utilizamos como referência metodológica também a pesquisa bibliográfica que segundo Marconi e Lakatos (2003) abarca toda a bibliografia tornada pública relacionada ao tema de pesquisa, desde jornais, livros e revistas a monografia, teses e artigos eletrônicos que possibilitam ao pesquisador o contato direto com as fontes de pesquisa. Os resultados parciais da pesquisa possibilitaram constatar a importância da Formação de Tradutores Intérpretes de libras para os alunos surdos. Portanto, realizamos uma reflexão a respeito da importância do Tradutores e Intérpretes de

LIBRAS educacional com respaldo na lei nº 12.319/2010 que regulamenta essa profissão e como vem sendo desenvolvida a formação do Intérprete de libras e dos professores no contexto da inclusão. Nessa perspectiva, para que se possa pensar em formação do Intérprete é necessário que se esteja atento ao nível de participação do olhar de uma professora surda, uma vez que é justamente a partir desse nível de participação, com o maior ou menor envolvimento do Surdo na formação dos Intérpretes, é que a implementação da profissão terá sucesso.

Palavras-chave: formação, interpretação, relatos de experiência

GLOSSÁRIO: UMA ACESSIBILIDADE PEDAGÓGICA E LINGUÍSTICA

SUELY ANDRÉ DE ARAÚJO DRIGO
ELOÁ TAINÁ COSTA DA ROSA MORAES

A realidade de uso da Língua de Sinais Brasileira (Libras) na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) tem sido um grande desafio para seus usuários acadêmicos, tanto para os docentes quanto para os discentes, uma vez que faltam fundamentos empíricos consistentes e também acervos em que possam ser usados enquanto materiais que forneça sinais em Libras correspondentes e informações sobre as expressões linguísticas consultadas por seus usuários, tanto surdo quanto ouvintes. Nesse sentido, o glossário bilíngue Português/Libras foi idealizado para criar condições e oportunizar o acesso e a permanência de estudantes surdos no seio da UFU. Os objetivos são de criar e alimentar um glossário bilíngue Português/Libras, por meio de pesquisa de obras de Noam Chomsky e assim propiciar acessibilidade linguística aos estudantes surdos da área de Letras em relação aos conteúdos recebidos em sala de aula, principalmente no que se refere aos vocabulários terminológicos da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Glossário, acessibilidade, bilíngue.

IDENTIDADE SURDA: RELEVÂNCIA HISTÓRICA, CULTURAL E LINGUÍSTICA EM RELAÇÃO À LEGISLAÇÃO INCLUSIVA

PATRICIA DA CRUZ MARQUES
PALOMA MARQUES SOUZA

A proposta deste trabalho é discutir a respeito da cultura surda que, embora seja espontânea para os deficientes auditivos, é muito pouco respeitada e até mesmo aceita pela sociedade de forma geral. À luz de alguns teóricos e estudiosos, o principal objetivo é tratar alguns aspectos relevantes do cotidiano da comunidade surda, enfatizando a relação da surdez com a língua de sinais brasileira - LIBRAS - em uma perspectiva sociocultural e histórica; em razão da importância de compreender o contexto de convívio das pessoas com necessidades especiais auditivas para continuar a trajetória de inclusão, especialmente, no ambiente escolar. Nesse direcionamento, é importante ainda evidenciar algumas leis já sancionadas, as quais direcionam e, mais do que isso, legalizam muitas situações práticas para o exercício da inclusão social. Os

estudos e estatísticas apontaram que os deficientes auditivos tiveram alguns ganhos com relação, principalmente, a seus direitos nos últimos tempos, sobretudo, nas últimas décadas, mas há muito para avançar. Ao final, esta pesquisa demonstrou que o conhecimento dessa temática sob o olhar sociocultural e histórico, com certeza, amplia e oferece condições de uma atuação mais efetiva dos "atores" da causa por uma expressão da condição natural, ou seja, "normal" dos surdos, a qual perante a sociedade como um todo é entendida com uma concepção equivocada de uma não-cultura. Em outras palavras, ficou evidente que os deficientes auditivos são percebidos como "coadjuvantes", e não "protagonistas" de uma sociedade formada por agentes com diferentes papéis em suas respectivas comunidades, os quais para exercerem a plena cidadania necessitam de condições fundamentais, como por exemplo, direitos e deveres respeitados por eles mesmos e pelos indivíduos pertencentes a outros grupos sociais, pois cada comunidade possui especificidades inerentes às suas condições próprias que, no caso dos surdos, entres tantas particularidades, há uma linguagem específica - língua de sinais: marca essencial da identidade surda. Palavras-chave: Histórico e legislação da comunidade surda, cultura surda, língua de sinais.

O GÊNERO DISCURSIVO *BODY ART*: O CORPO COMO ARENA DE INÚMEROS PROCESSOS INTERDISCURSIVOS

SAYURI KAROLINE INOUE NOGUEIRA
Orientadora: ELIAMAR GODOI

Sendo a língua um sistema não abstrato, mas de realização concreta da comunicação por seus interlocutores, em uma contínua dinâmica discursiva, entendemos que os discursos são pactos de comunicação e cooperação entre os usuários, a fim de realizar um diálogo que se relaciona com outros discursos, ao que Bakhtin denomina interdiscursividade. Uma vez que os discursos são pactos de comunicação, esses estão presentes em todas as vertentes do mundo real das linguagens, incluindo a linguagem não verbal, em que destacamos aquela expressa no corpo, como as tatuagens, por exemplo. Os gêneros discursivos que estão inseridos dentro das imagens gravadas na pele, adornos inseridos em cartilagem/pele e modificações corporais, e desde os primórdios estas artes são existentes, mas sendo somente vistas em sociedade com grande intensidade nos dias atuais. O presente trabalho aborda a questão sobre a individualidade representada pela body art, sendo através de e sua(s) tatuagem(ns), piercings(s) e body modifications(s), e como corpo se torna um suporte da linguagem. Neste caso, a prática discursiva define a produção e circulação cujo objetivo é determinar o seu lugar, sua capacidade de circular, e por fim, sua possibilidade de transformação. O corpo entra como um espaço discursivo, e as tatuagens, piercings e body modifications se tornam uma identidade enunciativa, onde possuem características históricas. A realização e leitura de imagens traz duas atitudes simultâneas e interdependentes, que são imprescindíveis a necessidade da decodificação dos elementos constitutivos da imagem, ocorrendo assim as interpretações, formas e percepções visuais, feitura e leituras. A objetividade, subjetividade, a marca da história da sociedade, toda esta gama de fatos e fatores estão relacionadas a estas três artes distintas, porém com grande significação, também mostra que não se trata somente de imagens ou desenhos "impressos" na pele, mais do que uma joia e modificação no corpo, e sim, que há um gênero discursivo ligado a body art. O

precursor da tendência, Marcel Duchamp (1887-1968), conceituou como um modo de fazer arte, e iniciou a reflexão sobre a "arte conceitual", bem como a relação do sujeito com o mundo. O corpo humano tornou-se um meio peculiar de contexto sócio histórico, onde corre a busca da identidade com base nas ressignificações trazidas pelo indivíduo em seu corpo. A aplicação de tinta na pele era vista como algo fora dos padrões sociais, subversão dos tabus, interditos ao sentido de arte no corpo, que se trata de um instrumento de libertação e/ou suporte de discurso. O homem usa o corpo como linguagem, tornando a pele um diário, seja como uma marca de sentença, resistência, manifesto, estilo e até mesmo castigo. Segundo Bourdieu (1997 apud GIRARDI, 2007), a objetividade dá lugar à objetivação do mundo social, onde o participante se transforma em objetivação participante, ou seja, a compreensão e representações e práticas sociais não podem ficar restritas ao entendimento da produção da (inter)subjetividade, sem que se leve em consideração que se trata, também, de uma *héxis* (disposição corporal e corpo social) presa à uma trajetória de um grupo social. Este estudo possibilitou mostrar o corpo como instrumento social, onde os conceitos de identificação contribuem para dimensionar a complexidade das tatuagens, piercings e body modifications. O corpo se torna arena de inúmeros processos de valores, visões de mundo, ritos de passagem, comportamentos rituais, nascimentos e mortes, tudo que se marca ao longo da história da sociedade, diacronicamente, sobre o indivíduo.

Palavras-chave: Subjetividade e Objetivação, Corpo, Ressignificação.

O LÉXICO "PINGA" E SUAS VARIAÇÕES

VALDIRENE LEMES FONSECA REZENDE

EDNA NICOLINA SILVA

SILDA ABADIA DE LUCENA

SIMONE NOGUEIRA DE ARRUDA

Este trabalho sobre o léxico pinga, demonstra como o estudo desse fenômeno conhecido como variação linguística é fundamental para compreender os processos históricos da língua portuguesa, e como a variação da língua influencia na linguagem da sociedade. Esse fenômeno contribui para entendermos os costumes, a cultura e o desenvolvimento histórico da língua; e também para melhor conhecer o histórico cultural, intelectual do sujeito, que é a peça fundamental para que esse fenômeno continue a contribuir nos estudos relacionados à língua, além de nos mostrar como essa variação pode ampliar os conhecimentos relacionados à linguagem humana. A pinga não é apenas uma bebida popular, ela é também cultura brasileira. Cultura esta que pode ser evidenciada pelas inúmeras variedades lexicais existentes dentro de nossa sociedade. E foi por meio do léxico "pinga" que buscamos informações relacionadas à variação linguística em nossa sociedade. Embasados em pesquisas institucionais, como da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e da IBRAC - Instituto Brasileiro da Cachaça, entre outros, e teóricas como Cristianini (2008), desenvolvemos uma pesquisa objetivando determinar a norma lexical uberlandense para o conceito de "bebida alcoólica feita de cana de açúcar". Na pesquisa de campo e na análise dos resultados, pautamo-nos nos preceitos da Geolinguística contemporânea e nos resultados obtidos por meio de atividades direcionadas ao ensino-aprendizagem de conteúdos relacionados à disciplina Sociolinguística. Para esta comunicação, elencamos os seguintes objetivos: (i) apontar as variações do item lexical pinga no município de Uberlândia; (ii) apresentar qual a

norma para esse conceito em Uberlândia; (iii) refletir sobre como o léxico pode influenciar tanto na linguagem quanto no comportamento humano em uma comunidade; (iv) demonstrar como uma pesquisa lexical relacionada à variação linguística pode trazer conhecimento sobre o contexto histórico, cultural e social, além de linguístico de uma dada comunidade. Palavras-chave: Sociolinguística. Geolinguística. Pinga.

PRODUÇÃO DE GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO BILÍNGUE PORTUGUÊS/ LIBRAS

THAÍS BATISTA SANTANA E MOURA
Orientadora: Profa. Dra. ELIAMAR GODOI

Atualmente, a Universidade Federal de Uberlândia - UFU conta com um grupo significativo de servidores e alunos surdos que representam a comunidade surda dessa instituição. De modo geral, a disponibilização de glossários terminológicos bilíngues Língua Portuguesa/Libras até mesmo na área da Linguística da Língua Portuguesa assim como as definições de termos referência e expressões chaves contextualizadas não são apenas escassas como também se mostra parcelar e simplista excetuados alguns raros e assistemáticos trabalhos realizados no âmbito acadêmico como alguns raros glossários com números reduzidíssimos disponibilizados por pouquíssimas instituições. Sabendo-se que a Libras é a língua materna do surdo e a língua portuguesa em contextos bilíngues é a sua segunda língua, nesse contexto, organizar um material lexicográfico associando as duas línguas favorece a um melhor trato dos conteúdos veiculados em salas de aula inclusivas, auxiliando a interlocução professor-intérprete-aluno surdo. Pensando nisto, nos propomos a levantar os termos base dos textos de conteúdo específico dos cursos de graduação da UFU que recebem alunos surdos, traduzir esses termos para a Libras e ainda organizar as respectivas definições em formato de um glossário e que este esteja disponibilizado em formato eletrônico para alunos, intérpretes e professores o que torna possível a acessibilidade linguística do surdo ao conteúdo veiculado na sala de aula, além de favorecer à acessibilidade linguística do aluno ouvinte do curso de LPDL – Letras: habilitação em Língua Portuguesa com domínio em Libras que se encontra em processo de formação inicial. Considerando a criação de um glossário bilíngue se mostra de grande proporção, esclarecemos que será necessário que aconteça em duas grandes etapas. Sendo assim, se mostra salutar apontar que as ações desse projeto se encerram ao finalizar a lista dos termos/expressões chaves/definições advindos dos textos básicos dos cursos de Letras da UFU que recebem alunos surdos e do curso de Letras: Português com domínio em Libras e entrega-la ao Cepae (Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial) para as devidas providências de continuidade da ação.

UMA ANÁLISE DAS VARIAÇÕES DA LIBRAS NO VERNÁCULO DO ALUNO.

JAKELINE APARECIDA ALVES BRAGA
Orientadora: Profa. Dra. ELIAMAR GODOI

A Língua Brasileira de Sinais tem sido reconhecida e vem ganhando espaço não somente por seus usuários surdos mas por estudiosos no âmbito da linguística e da educação, porém percebe-se que ainda são poucas as pesquisas voltadas efetivamente a esse assunto. Desta forma cabe ao presente graduando e futuro linguista se dedicar a desenvolver trabalhos e pesquisas que possam promover a Libras e dar a essa língua seu devido valor. É a partir dessa perspectiva que se propõe essa pesquisa, com o intuito de se aprofundar na Libras partindo das primícias, da parte fundamental, que é o vernáculo, ou seja a língua em uso, de forma espontânea para que se possa identificar e compreender as variações dessa língua. Levando em conta a importância de registrar essas variações no âmbito acadêmico, ainda justifica-se essa pesquisa considerando a necessidade de analisar o vernáculo da comunidade surda, bem como contribuir para divulgação, difusão e futuros estudos linguísticos acerca da Libras, mantendo essa língua viva e disseminando suas possibilidades de análises.

**RELEASE
DOS
ARTISTAS**

Cassiano Arantes é tatuador em Uberlândia, especializado em estilos tribais, artista plástico formado pela Universidade Federal de Uberlândia e atualmente pela mesma instituição, cursa Pós-graduação no Núcleo das Artes Visuais, sua pesquisa se baseia nas possibilidades de se utilizar o estêncil ou “stencil” como suporte para as pinturas.

Para o I SELIPO, Cassiano pretende realizar uma pintura que possibilite alguma conexão com o universo da Libras e espera que a dinâmica da técnica proporcione a todos os participantes do evento um momento de reflexão sobre a importância de se valorizar a maneira com que cada pessoa se comunica com o mundo, mesmo que sem palavras.

Técnica: Tinta spray aplicada com suporte do stencil sobre papel.

Stencil é uma chapa de acetado/ radiografia com uma imagem recortada, o que possibilita sua reprodução. Uma técnica milenar que hoje se fundiu as diversas possibilidades da arte contemporânea e vem ganhando força junto com os grafites.

Helder Oliveira nascido na capital de São Paulo, mora em Uberlândia desde 2013. É analista de relacionamentos na empresa Algar Tech, por meio da qual, há 2 anos, ingressou no Coral do Cerrado, iniciativa patrocinada pela empresa onde atua na voz dos tenores. O Coral do Cerrado é um projeto cultural de música que iniciou suas atividades em setembro de 2012. Desde seu ingresso, participou dos dois principais concertos realizados nos anos de 2015 e 2016: Cores dos Sons e Livres Para Cantar. No início de 2017, iniciou seu curso de Letras – Língua Portuguesa com domínio de Libras. Atualmente cursa o segundo período.

No SELIPO, Helder irá apresentar a música “Uma vez mais”, versão interpretada por Ivo Pessoa, composta por Blanch e Felipe Loeffler.

Acessibilizada e, portanto, sinalizada por - CAROLINA DA SILVA RODRIGUES acadêmica do segundo período do curso de Letras – Língua Portuguesa com Domínio de Libras - LPDL.

Mariana Rodrigues é mineira da cidade de Monte Carmelo, morou em Brasília desde que nasceu. Na época em que estudou no Claretiano Centro Educacional Stella Maris participou durante quatro anos do Projeto Arte no Stella, como diretora, atriz, figurinista e roteirista. Auxiliou na criação da Companhia Teatral Stellart no ano de 2015.

Participou do Festival FESTA nos anos de 2015 e 2016. No ano de 2015 foi premiada como melhor direção pela peça "Liberdade, Liberdade". No ano de 2016 foi indicada a melhor atriz, melhor direção, melhor dramaturgia e melhor concepção visual com a peça "Bang Bang: Você Morreu!".

Atualmente, é aluna da Universidade Federal de Uberlândia no curso Letras: Língua Portuguesa com domínio em Libras e tem feito grandes descobertas na área.

No SELIPO apresentará uma parte da peça “Liberdade, Liberdade” de Millôr Fernandes e Flávio Rangel, que retrata a Segunda Guerra Mundial.

Sinopse: O espetáculo “Liberdade, Liberdade” traz ao público uma instigante apresentação do questionamento e luta pela liberdade, travada ao longo de toda história em seus mais intrigantes períodos e eventos. Figuras como o filósofo Sócrates, Abraham Lincoln, Adolf Hitler, Anne Frank e muitos outros, expõem seus pensamentos acerca de conceitos como razão, poder, direito, escravidão, revolução e, claro, liberdade. A peça é um vivo convite ao ato de refletir e questionar sobre o mundo e as diversas realidades nele inseridas, uma chamada a todos para serem agentes de mudança na sociedade.